
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO E
TECNOLOGIAS.

LINHA DE PESQUISA: TECNOLOGIAS, CORPO E CULTURA

RESILIÊNCIA EM ATLETAS PARALÍMPICOS NO ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO

MARCELA FERNANDA TOMÉ DE OLIVEIRA

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Humano e Tecnologias.

Rio Claro
Abril-2018

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS
RIO CLARO - SP

**RESILIÊNCIA EM ATLETAS PARALÍMPICOS NO
ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO**

MARCELA FERNANDA TOMÉ DE OLIVEIRA

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Campus de Rio Claro, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Humano e Tecnologias.

Área de concentração: Tecnologias, Corpo e Cultura
Orientadora: Profa. Dra. Adriane Beatriz de Souza Serapião
Co-Orientador: Prof. Dr. Afonso Antonio Machado

Rio Claro – SP
ABRIL/2018

O48r

Oliveira, Marcela Fernanda Tomé de

Resiliência em atletas paralímpicos no esporte de alto rendimento /
Marcela Fernanda Tomé de Oliveira. -- Rio Claro, 2018

91 p. : il., tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Instituto de Biociências, Rio Claro

Orientadora: Adriane Beatriz de Souza Serapião

Coorientador: Afonso Antonio Machado

1. Psicologia do esporte. 2. Resiliência. 3. Atletas paralímpicos. 4.
Alto rendimento. 5. Tecnologias. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de
Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

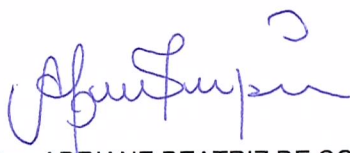
CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: RESILIÊNCIA EM ATLETAS PARALÍMPICOS NO ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO

AUTORA: MARCELA FERNANDA TOMÉ DE OLIVEIRA

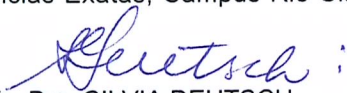
ORIENTADORA: ADRIANE BEATRIZ DE SOUZA SERAPIÃO

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em DESENVOLVIMENTO HUMANO E TECNOLOGIAS, área: TECNOLOGIAS NAS DINÂMICAS CORPORAIS pela Comissão Examinadora:



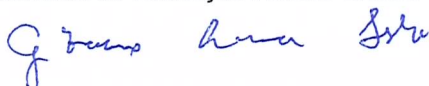
Profa. Dra. ADRIANE BEATRIZ DE SOUZA SERAPIÃO

Departamento de Estatística, Matemática Aplicada e Computacional / UNESP - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Campus Rio Claro - SP



Profa. Dra. SILVIA DEUTSCH

Departamento de Educação Física / UNESP - Instituto de Biociências de Rio Claro - SP



Prof. Dr. GUSTAVO LIMA ISLER

Departamento de Educação Física / Faculdades Integradas Claretianas - Rio Claro - SP

Rio Claro, 25 de abril de 2018

DEDICATÓRIA

*Às luzes e pilares da minha vida, meus pais, irmãos e sobrinhos. Vocês são a minha
inspiração e a parte mais linda da minha história. E ao responsável por toda
ressignificação da minha vida, José Carlos dos Santos (in memoriam).*

AGRADECIMENTOS

Início agradecendo a Deus pela oportunidade única em minha vida, por conceder-me essa Graça de poder pesquisar e escrever sobre algo em que acredito. Sou grata por ter me guiado o tempo todo e por manter-me em pé e com fé, em meio às adversidades.

A minha mãezinha celestial, Maria, que nunca desamparou esse coração aflito. Passando sempre à frente dos meus caminhos.

A minha família, tios e primos, dos quais me orgulho em fazer parte, por me colocarem sempre em suas orações e que souberam compreender os momentos de ausência.

Às Equipes de Jovens de Nossa Senhora (EJNS) de todo o Brasil, amigos amados que sempre rezaram por mim. Aos amigos do EJC, “bons amigos que nasceram pela fé”, a todos vocês minha eterna gratidão por todos os momentos de oração.

Aos meus queridos amigos “cantantes” do Madrigal CorDa Voz, por se fazerem presentes em todos os momentos da minha vida, desde a época dos vestibulares “Eu não ando só. Só ando em boa companhia”.

A todos os meus amigos que acompanham minha jornada, em especial aos presentes lindos que a Pós-graduação me deu, Ana Livia Fraiha, Denis Gaspar, Cassio Almeida e Renan Scopinho. Nunca encontrei em alguém tamanha generosidade e coração mais lindo que o de vocês. Muito obrigada por existirem e fazerem parte da minha vida!

Ao meu querido amigo, Prof. Dr. Hermes Ferreira Balbino, por ser o primeiro a despertar em mim o interesse em estudar Psicologia do Esporte. Gratidão!

Aos meus amigos e super companheiros do LEPESPE, vocês são incríveis. Agradeço a vocês todos pelos momentos partilhados e pela aprendizagem.

Ao meu querido e amigo Prof. Dr. Afonso Antonio Machado. Generoso, acolhedor, honesto e prestimoso desde o primeiro contato. Serei eternamente grata pelo seu sim, no momento em que mais precisava de um. Agradeço pelos longos abraços carinhosos. Estes me fortaleceram muito!

À Profa. Dra. Adriane Serapião, minha orientadora, por ter aceitado esse desafio, pela paciência, pela parceria, por apoiar-me e acreditar em mim em todos os momentos.

Ao meu querido Prof. Dr. Daniel Presoto, por tamanha humildade em me ouvir e compartilhar comigo seus ensinamentos, me tornando cada dia mais sua admiradora.

À querida Prof. Dra. Silvia Deutsch, pelas contribuições, respeito, carinho e cuidado com que conduziu todo o processo dessa dissertação.

Ao meu querido amigo Prof. Dr. Gustavo Isler, exemplo de humildade, empatia, inteligência, sempre fui sua admiradora e quando crescer quero ter um pouco de você.

À querida Profa. Dra. Maria Lucia Lorenzetti Wodewotzki, exemplo de generosidade, altruísmo e amor à sua profissão e aos seus alunos. Sou sua admiradora e serei eternamente grata por tudo.

Deixei quase para o final, mas considere uma homenagem especial a você, Prof. Dr. Ricardo Cerri, ou RC para os amigos. Não tenho palavras para descrever o quanto sou grata a Deus por ter você como amigo. Jovem professor e exemplo de caráter, humildade, respeito, além de contar com uma inteligência tremenda. Você meu amigo, foi importantíssimo nessa minha caminhada rumo ao conhecimento e crescimento acadêmico. Sempre pronto para ajudar e acolher. Muito obrigada pela paciência indiscutível para me ouvir e me ensinar. A você, minha eterna gratidão!

Aos meus queridos e dignos de todo respeito, a inspiração em estudar e escrever sobre resiliência: Atletas Paralímpicos Brasileiros. O verdadeiro significado de ressignificação aprendi com vocês! Ouvir cada história, analisar cada resposta dos instrumentos de coleta, fez-me crescer como pessoa, muito mais como profissional e como pesquisadora. A generosidade com a qual fui acolhida por cada um e o carinho recebido, em meio às redes sociais, serão guardados comigo para sempre.

Aos meus pais, Maria Helena e Jarbas, amores da minha vida a quem eu dedico essa Dissertação. Minha base que me fortalece a cada dia, muito obrigada por tudo! Ah, se não fossem vocês em minha vida, o que seria de mim?!

Aos meus irmãos, Jarbas e Rafael, retribuo todo amor, cuidado e admiração.

Aos meus amados sobrinhos, dedico-lhes o meu sorriso e amor eterno.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

This study was financed in part by the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel - Brazil (CAPES) - Finance Code 001

"Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades, lembrai-vos de que as grandes coisas do homem foram conquistadas do que parecia impossível." (Charles Chaplin)

RESUMO

Este trabalho focaliza o fenômeno resiliência psicológica no contexto esportivo, trazendo como artistas principais atletas paralímpicos de alto rendimento. Diante de sua complexidade, a resiliência pode ser entendida como adaptação à adversidade, que auxiliaria atletas na superação das situações de vulnerabilidade, permitindo que persistam e prosperem no esporte em busca de melhores resultados. Nessa perspectiva, foi possível identificar níveis de adaptação psicossocial positiva, em maior ou menor grau, frente à eventos importantes de vida bem como aqueles relacionados aos aspectos pessoais e profissionais desses atletas. Para isso, foram utilizados dois instrumentos de medida: um Questionário de Perfil Demográfico e uma Escala de Aplicabilidade e Resiliência, adaptados para o ambiente virtual. O estudo de natureza quali-quantitativa contou com a participação de 53 atletas da seleção brasileira paralímpica, de ambos os sexos, com idade média de 30,6 anos e desvio padrão 8,8. Atletas esses de 12 modalidades esportivas individuais e participantes dos Jogos Paralímpicos, realizados na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 2016. A coleta de dados foi realizada por meio de redes sociais *Messenger*® do *Facebook*® e *e-mails*. Para as análises dos resultados foram construídas tabelas, quadros e gráficos e calculados a média aritmética e o desvio padrão, bem como aplicado o teste não paramétrico U de Mann-Whitney. Os resultados obtidos no presente estudo apontaram que 81% dos atletas apresentaram características mais resilientes e 19% menos resilientes. Dentre esses atletas, 72% são classificados com patologia tipo congênita e 28% adquirida. Uma análise mais detalhada mostrou ainda que atletas de nível superior, com patologia tipo congênita, medalhistas, que possuem religião e do sexo feminino apresentaram características mais resilientes. Do mesmo modo, entre as modalidades esportivas com números de participantes mais expressivos, apenas o halterofilismo e o judô contaram com todos atletas apresentando características mais resilientes.

Palavras-chaves: Resiliência. Esporte. Atletas Paralímpicos. Alto Rendimento. Psicologia. Tecnologia.

ABSTRACT

This work focuses on the psychological resilience phenomenon in the sports context, bringing high performance Paralympic athletes as main artists. In view of its complexity, resilience can be understood as adaptation to adversity, which would assist athletes in overcoming situations of vulnerability, allowing them to persist and prosper in sport in search of better results. In this perspective, it was possible to identify levels of positive psychosocial adaptation, to a greater or lesser degree, in the face of important life events as well as those related to the personal and professional aspects of these athletes. For this, two measurement instruments were used: a Demographic Profile Questionnaire and an Applicability and Resilience Scale, adapted for the virtual environment. The quali-quantitative study included the participation of 53 athletes from the Brazilian Paralympic team, of both sexes, with an average age of 30.6 years and standard deviation 8.8. Athletes from 12 individual sports and participants in the Paralympic Games, held in the city of Rio de Janeiro, in the year 2016. Data collection was carried out through Facebook ® Messenger ® social networks and e-mails. For the analysis of the results, tables, charts and graphs were constructed and the arithmetic mean and standard deviation were calculated, as well as the non-parametric Mann-Whitney U test. The results obtained in the present study showed that 81% of the athletes had more resilient characteristics and 19% less resilient. Among these athletes, 72% are classified as having congenital pathology and 28% acquired. A more detailed analysis also showed that higher level athletes, with congenital pathology, medalists, who have religion and female, had more resilient characteristics. Likewise, among sports with more expressive numbers of participants, only weightlifting and judo counted on all athletes with more resilient characteristics.

Keywords: Resilience. Sport. Paralympic Athletes. High yield. Psychology. Technology.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -Estatísticas descritivas relativas aos fatores que compõem a Escala de Aplicabilidade e Resiliência.....	59
Tabela 2 - Estatística descritiva e valores de probabilidades associadas ao Teste U de Mann-Whitney para comparação dos grupos Escala de Aplicabilidade e Resiliência.....	65
Tabela 3 - Probabilidade do Teste U de Mann-Whitney na comparação do grupo de patologia, em relação ao item l.....	67
Tabela 4 - Probabilidade do Teste U de Mann-Whitney na comparação dos grupos Religião e Não Religião, em relação aos itens m e w.....	67
Tabela 5 – Probabilidades do Teste U de Mann-Whitney na comparação dos atletas Mais e Menos Resilientes, em relação aos itens da Escala de Aplicabilidade e Resiliência.....	69

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Jogos Olímpicos de Verão e Inverno.....	24
Quadro 2 - Jogos Paralímpicos de Verão e Inverno.....	26
Quadro 3 - Sistema avaliativo de Classificação Funcional.....	28
Quadro 4 - Classificação Funcional do Atletismo.....	29
Quadro 5 - Classificação Funcional do Bocha.....	29
Quadro 6 - Classificação Funcional da Esgrima em cadeira de roda.....	30
Quadro 7 - Classificação Funcional do Halterofilismo.....	30
Quadro 8 - Classificação Funcional do Judô.....	30
Quadro 9 - Classificação Funcional da Natação.....	30
Quadro 10 - Classificação Funcional do Tênis de Mesa.....	30
Quadro 11 - Classificação Funcional do Tênis em cadeira de rodas (CR).....	30
Quadro 12 - Classificação Funcional do Tiro com Arco.....	31
Quadro 13 - Classificação Funcional da Vela.....	31
Quadro 14 - Classificação Funcional do Hipismo.....	31
Quadro 15 - Escala de Aplicabilidade e Resiliência.....	45
Quadro 16 - Perfil Demográfico dos entrevistados distribuídos por sexo, nível de escolaridade, profissão, estado civil, religião, tempo de prática no esporte, medalhistas e não medalhistas nos Jogos Paralímpicos do Rio 2016.....	52
Quadro 17 - Perfil Demográfico dos entrevistados distribuídos por modalidade esportiva e sexo.....	54
Quadro 18 - Perfil Demográfico dos entrevistados distribuídos por modalidade esportiva, sexo e tipo de patologia.....	55
Quadro 19 - Resiliência em atletas paralímpicos, segundo modalidade esportiva, sexo e tipo de patologia.....	57

Quadro 20 – Probabilidades do Teste U de Mann-Whitney para comparação de cada um dos grupos, em relação aos itens que compõem a Escala de Aplicabilidade e Resiliência.....66

Quadro 21 - Comparação das categorias em cada um dos seus respectivos grupos, considerando os fatores definidos pela Escala de Aplicabilidade e Resiliência.....72

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Modelo Teórico de Resiliência Psicológica.....	39
Figura 2 - Respostas dos atletas na Escala de Aplicabilidade e Resiliência.....	60
Figura 3 – Gráfico cumulativo em porcentagem das categorias de cada um dos grupos em relação à resiliência.....	62

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
1.2 Justificativa.....	19
1.3 Hipóteses.....	17
1.4 Objetivo Geral.....	20
1.4.1 <i>Objetivos específicos</i>	21
2 REVISÃO DE LITERATURA	22
2.1 História das Olimpíadas.....	22
2.2 História das Paralimpíadas.....	25
2.3 Classificação Funcional de Atletas Paralímpicos.....	27
2.4 Resiliência.....	33
2.4.1 <i>Contextualização histórica da Resiliência</i>	33
2.4.2 <i>Conceito de Resiliência</i>	34
2.4.3 <i>Resiliência e Esporte</i>	38
3 METODOLOGIA	42
3.1 Método de Pesquisa.....	42
3.2 Participantes.....	43
3.3 Material.....	44
3.4 Procedimento Metodológico.....	47
3.5 Análise de Dados.....	49
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	51
4.1 Questionário de Perfil Demográfico.....	51
4.2 Comparação da resiliência em relação às modalidades esportivas, sexo e tipo de patologia.....	56
4.3 Análise descritiva e de confiabilidade dos fatores.....	58
4.4 Classificação de Atletas Mais Resilientes e Menos Resilientes.....	59
4.5 Comparação entre as categorias de cada um dos grupos em relação à resiliência.....	61
4.6 Comparação dos grupos em relação aos resultados obtidos na Escala de Aplicabilidade e Resiliência.....	64

4.7 Comparação das categorias de cada um dos grupos nos fatores.....	71
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	74
REFERÊNCIAS.....	78
APÊNDICE A - Questionário de Perfil Demográfico.....	86
APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	88
ANEXO A - Escala de Aplicabilidade e Resiliência.....	90

1 INTRODUÇÃO

O capítulo introdutório pretende contextualizar a temática da pesquisa, mostrando a relação entre o fenômeno resiliência e o contexto esportivo, apresentando os referenciais teóricos estudados ao longo do desenvolvimento do trabalho.

A importância de estudos voltados ao esporte paralímpico¹ reside na compreensão do fenômeno da resiliência, além dos processos de reabilitação física e da influência dos fatores psicológicos voltados à adaptação e à integração psicossocial do indivíduo diante de um contexto hostil (ADAMS *et al.* 1985; DE-CASTRO, 2011).

Historicamente, o movimento paralímpico surgiu por volta de 1888, em Berlim, na Alemanha. No Brasil, o esporte para pessoas com deficiência iniciou em 1958 e sua primeira participação ocorreu em 1972, na IV Paralimpíada, realizada na Alemanha (BRAZUNA; DE-CASTRO, 2001). Segundo as autoras, as primeiras medalhas brasileiras em Paralimpíadas ocorreram no ano de 1976, na V Paralimpíada, no Canadá, com os atletas Robson de Almeida e Luiz Carlos “Curtinho”.

Os jogos são o auge da competição esportiva para os atletas e o crescimento do esporte paralímpico pôde ser acompanhado por milhares de expectadores ao redor do mundo no evento dos Jogos Paralímpicos que foi sediado no Brasil e realizado na cidade do Rio de Janeiro no ano de 2016. Segundo a Confederação Paralímpica Brasileira (CPB), os atletas brasileiros conquistaram setenta e duas medalhas, ocupando o oitavo lugar no quadro geral, possibilitando, a tais atletas, maior notoriedade e olhares do público brasileiro para o esporte paralímpico, que se torna mais competitivo ao longo dos anos.

Dentro do viés histórico, o esporte paralímpico surge como emergência para a reabilitação de veteranos da guerra do Vietnã, auxiliando jovens deficientes em sua reabilitação física, social e psicológica (ADAMS *et al.*, 1985). Apresentava-se, nesse esteio, como alternativa de inclusão e inserção social aos jovens veteranos de guerra.

Assim, em 1976, na Alemanha, surge a proposta de um modelo, aperfeiçoados anos mais tarde nos Jogos de Barcelona, em 1992. O modelo, segundo De-Castro (2011), teve como objetivo agrupar deficiências semelhantes por meio de modalidades esportivas. Mais tarde, o mesmo foi aperfeiçoado por um sistema de classificação funcional, no qual se visava garantir que o sucesso de um atleta seria determinado por suas habilidades,

¹ Neste trabalho será adotada a palavra “paraolímpico” e não “paraolímpico”. A eliminação da vogal está em conformidade com a sua origem na palavra em inglês *paralympic*, que provém da junção das palavras *paraplegic* e *olympics*.

aptidões, poder, resistência e foco mental, garantindo, assim, maior legitimidade entre as competições (IPC, 2015).

Embora o fenômeno da resiliência seja amplamente discutido em várias áreas do saber, investigar sua aplicação no contexto esportivo possibilita compreender melhor, dentro de uma análise comportamental, como indivíduos resilientes respondem às adversidades no esporte paralímpico de alto rendimento.

Por se tratar de um conceito científico apropriado das ciências exatas, a resiliência é entendida, no meio físico, como a capacidade de um material em absorver energia ao sofrer tensão e recuperar sua forma original (JR-CALLISTER; RETHWISCH, 2016). Segundo os autores, o modelo tem como foco a absorção e a liberação de energia, ou seja, tensão e deformação de material. Conceito utilizado com aplicações na Engenharia, a resiliência reside em comportamento plástico e elástico de um material, contudo, há complexidade de entendimento quando voltada às ciências humanas.

Desse modo, por não possuir uma definição única sobre a natureza do fenômeno, o conceito de resiliência vem sofrendo transformações ao longo dos anos (LUTHAR *et al.*, 2000; JUNQUEIRA; DESLANDES, 2003; CYRULNIK, 2003, 2005; YUNES, 2003, 2006; POLETTO *et al.* 2004; RUTTER, 2007; FLETCHER; SARKAR, 2012, 2013; SARKAR; FLETCHER, 2014; JR-CALLISTER; RETHWISCH, 2016, dentre outros que serão considerados ao longo desse estudo). Pesquisas de Pesce *et al.* (2004, 2005), Assis *et al.* (2006) e Luthar *et al.* (2000) nos mostram que o indivíduo apenas pode ser caracterizado como resiliente se a adaptação à adversidade for evidente.

Nessa perspectiva, de acordo com pesquisas voltadas à resiliência no esporte, Fontes e Brandão (2013), Fletcher e Sarkar (2012, 2013), Sarkar e Fletcher (2014) e Machida *et al.* (2013), atletas resilientes podem apresentar comportamentos positivos importantes diante das adversidades, mostrando maior tolerância diante das frustrações, bem como uma visão positiva sobre a vida e o futuro, autonomia, empatia, otimismo, senso de humor, dentre outros, características essas, segundo os autores supracitados, provenientes de mecanismos de autorregulação que ajudam a manter padrões de respostas positivas e, assim, permanecer em alto desempenho.

As pesquisas sugerem, ainda, que a resiliência pode estar aliada aos fatores de motivação e buscam investigar a influência dos estressores na vida dos atletas e como eles conseguem prosperar, mesmo em meio às adversidades (FONTES; BRANDÃO, 2013; FLETCHER; SARKAR, 2012, 2013; SARKAR; FLETCHER, 2014; MACHIDA *et al.* 2013). Segundo apontamentos de Fletcher e Sarkar (2013), alguns fatores podem

interferir no desempenho de atletas, como lesão, queda de rendimento, agravamento da doença, transição de carreira, dentre outros fatores.

Diante disso, a motivação se apresenta como atributo importante para o atleta continuar atuando em alto rendimento, prosperando mesmo em meio às pressões e ao estresse, situações inerentes ao mundo do esporte. Estudos de Fletcher e Sarkar (2012) nos mostram que níveis ótimos de motivação podem levar atletas a determinar suas interações pessoais, necessidades e habilidades, orientando suas ações tanto para a vitória como para o fracasso, individual e da equipe. A motivação no contexto esportivo tem sido capaz de prever resultados adaptativos e crenças capazes de influenciar positivamente no pensamento dos atletas (SARKAR; FLECHTER, 2014). Compreender as influências do bem-estar no desempenho esportivo dos atletas é particularmente importante para a Psicologia do Esporte, devido aos estressores pré, durante e pós competição e também aos fatores emocionais.

Nesse sentido, considerando poucos estudos no esporte voltados à temática resiliência, a presente pesquisa buscou identificar aspectos da mesma pertinentes ao esporte paralímpico. Assim, dentro desse viés investigativo, esta pesquisa propõe estudar o fenômeno da resiliência, caracterizando o perfil demográfico dos atletas paralímpicos, bem como analisando suas respostas na Escala de Aplicabilidade e Resiliência. O estudo possibilitou, ainda, agregar conhecimentos da Psicologia do Esporte para a compreensão do desempenho humano, despertando olhares curiosos acerca do esporte paralímpico de alto rendimento.

1.2 Justificativa

O interesse em estudar Resiliência surgiu, em um primeiro momento, profissionalmente. Como Psicóloga, trabalhava com crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social, o que possibilitou entrar em contato com o fenômeno. Tal vivência viabilizou compreender melhor o comportamento desses indivíduos em meio às adversidades, muitas vezes relacionado às suas experiências traumáticas em decorrência das adversidades.

Por participar do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte (LEPESPE) da Unesp, campus Rio Claro, despertou-se o interesse em investigar o fenômeno no contexto esportivo e, posteriormente, tendo como sujeitos os atletas paralímpicos. Em decorrência disso, a pesquisa teve início com esta temática, visando entender com maior clareza o contexto do esporte paralímpico e suas particularidades.

No decorrer dos anos, os Jogos Paralímpicos têm se tornado cada vez mais competitivos e abrangentes, a realização de um sonho para os atletas, pois os tornam iguais. Nesse espaço, os atletas se tornam protagonistas em meio às arenas de competição, oportunizando um vir-a-ser, o que desafia a sua deficiência e os possibilita colocar em prática anos de preparação e treinamento.

Atualmente, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), por meio do Censo (2010), o Brasil conta com 24% da população composta por pessoas que possuem algum tipo de deficiência, seja física, intelectual e/ou sensorial. O esporte oportuniza o desenvolvimento positivo no processo de adaptação e de superação das adversidades dos atletas. Além de reabilitação física, propicia também a melhor interação psicossocial entre os pares e a comunidade que os cerca, tornando-os exemplo de dedicação, amor, persistência, autonomia e superação.

Aprender com a resiliência à luz da Psicologia do Esporte contribuiu para a disseminação de conhecimentos e ideias, proporcionando importantes aprendizados para a vida pessoal e profissional da pesquisadora. Ensinou-a a trilhar seus caminhos com persistência e perseverar com esperança, levando compreensões significativas por meio deste estudo.

1.3 Hipóteses

Baseado na literatura estudada e na experiência como pesquisadora nessa área, as hipóteses norteadoras do presente estudo foram:

- Atletas paralímpicos de alto rendimento tendem a se posicionarem de maneira positiva em relação à resiliência;
- Atletas paralímpicos de alto rendimento podem demonstrar características menos e mais resilientes;
- Os níveis (nota na escala) de resiliência variam em função dos grupos analisados.

1.4 Objetivo Geral

O objetivo deste estudo é investigar os níveis de adaptação psicossocial positiva em atletas paralímpicos de alto rendimento e participantes dos Jogos Paralímpicos de 2016.

1.4.1 Objetivos específicos

- Analisar o fenômeno da resiliência em atletas paralímpico;
- Identificar a resiliência em diferentes grupos: sexo, estado civil, religião, escolaridade, tipo de patologia, medalhistas, mais resiliente e menos resiliente;
- Comparar níveis de resiliência dentro de cada um desses grupos;
- Verificar o comportamento dos grupos em relação aos fatores definidos a partir da Escala de Aplicabilidade e Resiliência.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 História das Olimpíadas

Os Jogos Olímpicos, como eram chamados na antiga Grécia, surgiram em meados do século VIII a.C., na cidade de Olímpia, como alternativa às tréguas entre guerras. Nessas ocasiões, animais eram oferecidos em sacrifício ao deus Zeus. Participavam dos jogos apenas cidadãos livres, homens disputando provas de atletismo, luta, corrida de cavalo e pentatlo (corrida, salto em distância, arremesso de dardo, disco e luta). Como premiação, os vencedores recebiam coroas de louros consagradas a Zeus (TUBINO, 1987; PRIORE; MELO, 2009; STUBBS, 2012).

Os registros das competições iniciaram apenas em 776 a.C. (TUBINO, 1987; PRIORE; MELO, 2009; STUBBS, 2012). A decadência dos jogos ocorreu no século II a.C., com a conquista dos povos romanos, momento em que o imperador Teodósio I proíbe as festas pagãs, incluindo os Jogos Olímpicos (RUBIO, 2008). Os jogos, nessa época, eram caracterizados pelo culto ao belo: desfilavam-se corpos atléticos, perfeitos, delineados, viris e saudáveis, não muito distante da atualidade em que vivemos.

Todos os dias nos deparamos com novos produtos que prometem milagres para conseguir um corpo perfeito, manter a aparência sempre jovem e, assim, “driblar” a velhice. Dessa forma, passamos a pensar no mal-estar da sociedade atual, que vive em busca de algo que só existe no mundo das ideias, na fantasia. Há uma busca incessante de um “ideal de Eu”, que nunca será completa. Apaixonam-se pela imagem idealizada, como no Mito de Narciso e acabam se esvaindo por tamanha idealização.

Nesse sentido, pensar a gênese dos jogos olímpicos e sua história implica refletir sobre as Olimpíadas da era moderna. Em dias de jogos, nos espaços que ocorrem as competições, atletas de diferentes nações se unem em prol do esporte. Pode-se ver o cessar de guerras, promove-se a paz, mesmo que momentânea, e o “espírito olímpico” permanece, pelo menos naqueles instantes.

A chama olímpica se preserva até o final dos jogos, parecendo remontar aos jogos na Grécia antiga. A chama, símbolo de renovação e regeneração, mantém-se como no mito da deusa Héstita: personificação grega do fogo sagrado, cortejada pelos deuses Apolo e Netuno, rejeitava todas as propostas amorosas que recebia. Dessa forma, pede a seu irmão, o deus Zeus, proteção pela sua virgindade. Por um descuido de Zeus, Prometeu rouba o fogo e entrega aos mortais, iniciando a passagem do fogo sagrado ao homem

(TUBINO, 1987; PRIORE; MELO, 2009). A partir desse momento, os gregos passaram a fazer corridas de revezamento com o fogo sagrado, passando a tocha entre si até que o vencedor pudesse cruzar a linha de chegada, finalizando as competições (PRIORE; MELO, 2009; STUBBS, 2012).

De acordo com Priore e Melo (2009), no ano de 1896, após iniciativa do Barão Pierre de Coubertin, os Jogos da Era Moderna voltam a ser sediados na cidade de Atenas, na Grécia, como forma de estimular os jovens à prática de atividade física e promover a paz entre os povos.

Naquele período, participaram dos jogos 241 atletas de 14 países, disputando provas de atletismo, ciclismo, esgrima, ginástica, halterofilismo, luta livre, natação e tênis (STUBBS, 2012). Segundo o autor, em 1913, criam-se os anéis olímpicos, representando os cinco continentes: azul correspondente à Europa; amarelo, à Ásia; preto, à África; verde, à Oceania e o anel vermelho, às Américas (STUBBS, 2012). A exemplo da Grécia antiga, enquanto os jogos durassem deveria reinar o respeito, a paz e a união entre os povos.

Nesse cenário Olímpico, a participação brasileira ocorre em 1920, na Bélgica, contando com a participação de 22 atletas homens (STUBBS, 2012). O Brasil conquista três medalhas no tiro esportivo, sendo elas ouro, prata e bronze (PRIORE; MELO, 2009).

Em 1922, na França, ocorrem os primeiros Jogos Olímpicos de Inverno. Em 1932, na cidade de Los Angeles, nos Estados Unidos, a nadadora brasileira Maria Lenk é a primeira mulher Sul Americana a competir em uma Olimpíada (STUBBS, 2012). O Brasil, nessa época, passava por uma guerra civil, a Revolução Constitucionalista de 1932, na qual houve confronto armado entre o estado de São Paulo e o Governo de Getúlio Vargas, com sede na cidade do Rio de Janeiro. A participação brasileira nos jogos neste ano foi conturbada, contou com a falta de apoio aos atletas para participarem dos jogos (TUBINO, 1987; PRIORE; MELO, 2009).

De acordo com Tubino (1987), no ano de 1932, os atletas viajaram de navio cargueiro até os EUA com 55 mil sacas de café para pagar os custos da viagem porque não puderam contar com a ajuda do Comitê Olímpico Nacional, pois o Brasil encontrava-se em plena guerra civil. Dos oitenta e dois atletas selecionados para participar da competição em Los Angeles, puderam competir apenas vinte e quatro atletas com chances de medalhas, participando de cinco modalidades esportivas: atletismo, natação, polo aquático, remo e tiro esportivo. Aqueles que não puderam competir, tiveram que seguir

viagem e parar em outros portos para conseguir compradores e vender as sacas de café (PRIORE; MELO, 2009).

A saga brasileira não para por aí. Conforme estudos de Priore e Melo (2009), casos curiosos aconteceram com o esporte brasileiro nessa competição. O atleta Adalberto Cardoso, um dos impedidos a desembarcar, escapou do navio e foi para Los Angeles a pé e de carona pela estrada. Ao chegar no Estádio Olímpico, faltando dez minutos para o início da prova dos dez mil metros de sua especialidade, mal teve tempo de vestir seu uniforme e, assim, incompleto, foi o primeiro atleta a correr descalço nos Jogos Olímpicos. Nas últimas três voltas, Adalberto Cardoso estava solitário na pista, sem competidores, correu empurrado pelos aplausos do público. Foi o último a completar a prova e, no dia seguinte, os jornais o chamaram de *Iron Man* (PRIORE; MELO, 2009). Sagacidade e persistência tantas vezes vistas a se repetir pelo esporte de maneira geral.

Abaixo, no Quadro 1, podemos observar a evolução dos Jogos Olímpicos, desde sua primeira edição à criação dos Jogos Olímpicos de inverno, até às Olimpíadas do ano de 2016.

Quadro 1 - Jogos Olímpicos de Verão e Inverno.

I Jogos Olímpicos	Atenas	1896	14 países	241 atletas
II Jogos Olímpicos	Paris	1900	24 países	997 atletas
XXX Olimpíada	Londres	2012	204 países	10.500 atletas
XXXI Olimpíada	Rio de Janeiro	2016	206 países	12.500 atletas
I Jogos Olímpicos de Inverno	Chamonix	1924	18 países	258 atletas
XXII Olimpíada de Inverno	Sochi	2014	88 países	2.780 atletas

Fonte: Elaborado pela autora (2017). Fonte: *International Paralympic Committee* (IPC).

A grandeza das Olimpíadas, desde seu início com os Jogos Olímpicos, até o megaevento atual, está em manter a chama acesa e preservar o “espírito olímpico”, respeitando o cessar guerras. Atualmente, o respeito ao fogo, símbolo de esperança, renovação e regeneração, mantém-se, de certo modo, a tradição Grega. A exemplo do que acontecia na Grécia, ainda hoje, busca-se a superação de limites e o triunfo. Prova disso

está na busca por quebras de *recordes* e melhora de *performance*. Na maioria das vezes, a qualquer custo.

A busca incessante do homem pela perfeição e ao vir-a-ser cai por terra quando são descobertos, todos os anos, inúmeros casos de *doping* no esporte. No esmerilar do tempo, vai perdendo seu brilho, dando lugar ao ostracismo, assim como as máscaras de carnavais passados. Ao mesmo tempo, a chama Olímpica se mantém firme, dentro da tradição e de seus ideais de esperança, renovação e regeneração. Nessa perspectiva, o esporte paralímpico surge para dar esperança aos que acreditavam estar fadados às suas limitações físicas e mentais, incentivando ex-combatentes de guerra a continuarem as suas vidas com outras possibilidades. É sobre essa história que delinearemos a seguir.

2.2 História das Paralimpíadas

A história do esporte paralímpico surge com a emergência em tirar veteranos da Guerra do Vietnã, lesionados medulares e amputados, da estagnação em relação à reabilitação e aos métodos hospitalares utilizados na época. O esporte adaptado surge como forma de auxiliar jovens deficientes com novas formas de lazer, a fim de auxiliar em sua reabilitação física, social e psicológica (ADAMS *et al.* 1985). Buscou, dessa forma, contribuir para diminuir riscos e possíveis complicações que poderiam limitar a expectativa de vida dos pacientes, que não passavam de dois anos, proporcionando uma vida sem barreiras e limitações (DE-CASTRO, 2011).

Neste sentido, a atividade física adaptada emerge com novas propostas, a fim de romper padrões antigos relacionados à ginástica médica, utilizando métodos para corrigir postura e curar defeitos do desenvolvimento corporal (DE-CASTRO, 2011). O interesse em novas formas de lazer e de esporte favoreceu o início do esporte em cadeira de rodas, influenciando o neurocirurgião alemão Ludwig Guttmann a começar um trabalho de reabilitação médica e social por meio de práticas esportivas (ADAMS *et al.* 1985).

O trabalho de Dr. Guttmann, segundo De-Castro (2011), proporcionou a primeira competição para atletas com deficiência, em 29 de julho de 1948, no Centro Nacional de Lesionados Medulares de Stoke Mandeville, data da cerimônia de abertura das Olimpíadas de Londres.

As primeiras competições internacionais foram realizadas em 1952, em Stoke Mondeville, no Reino Unido, contando com a participação de dois países, o país anfitrião e a Holanda, nas quais participaram cento e trinta atletas (ADAMS *et al.* 1985; FREITAS;

CIDADE, 2002). Dezesesseis anos depois, os Jogos ganharam sua primeira edição de inverno, realizada na Suécia (DE-CASTRO, 2011).

No final da década de 1950, começam a surgir as primeiras ideias sobre a prática do esporte de deficientes no Brasil, a partir de iniciativas de Robson Sampaio de Almeida e Sérgio Del Grande, lesionados medulares que retornam ao país após processo de reabilitação em hospitais para deficientes nos Estados Unidos (FREITAS; CIDADE, 2002). Segundo as mesmas autoras (ibid.), Del Grande fundou, na cidade de São Paulo, o Clube dos Paraplégicos em 23 de julho de 1958, e, em 1º de abril de 1958, Robson Sampaio fundou o Clube do Otimismo na cidade do Rio de Janeiro. Ficaram formadas, assim, duas equipes pioneiras esportivas em basquetebol sobre rodas no Brasil.

O início da prática do basquete sobre rodas no Brasil foi o “pontapé inicial” para o esporte de deficientes brasileiros, abrindo portas aos atletas brasileiros em competições internacionais. A primeira participação ocorreu em 1969, nos Jogos Pan Americanos, em Buenos Aires, na Argentina. A equipe era formada por paulistas e cariocas, que conquistaram a primeira medalha de bronze para o país (FREITAS; CIDADE, 2002).

Desde sua primeira participação em competições até as Paralimpíadas de 2016, realizadas no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, o esporte paralímpico vive grande ascensão. Além dos já conhecidos Jogos Paralímpicos de Verão, contam ainda com os Jogos Paralímpicos de Inverno, Parapan-Americano de Jovens, Copas do Mundo, além de diversas competições nacionais e internacionais específicas para cada modalidade esportiva. Dentre as nacionais, podemos destacar os Jogos Universitários, Paralimpíadas Escolares, Circuito Loterias Caixa, dentre outras competições.

A evolução dos Jogos Paralímpicos pode ser melhor visualizada no Quadro 2, abaixo.

Quadro 2 - Jogos Paralímpicos de Verão e Inverno.

I Jogos Paralímpicos	Roma	1960	23 países	400 atletas
V Jogos Paralímpicos	Toronto	1976	40 países	1.657 atletas
XIV Paralimpíada	Londres	2012	164 países	4.237 atletas
XV Paralimpíada	Brasil	2016	159 países	4.328 países
I Jogos Paralímpicos de Inverno	Örnsköldsvik	1976	16 países	53 atletas
V Jogos Paralímpicos de Inverno	Tignes-Albertville	1992	24 países	365 atletas
XI Jogos Paralímpicos de Inverno	Sochi	2014	45 países	547 atletas

Fonte: Elaborado pela autora (2017). Fonte: *International Paralympic Committee* (IPC).

Esse Quadro evidencia os Jogos Paralímpicos de Verão, ocorrido na década de 60, até os Jogos Paralímpicos de Inverno, realizado em Sochi, em 2014.

Diante de sua ascensão, fez-se necessário implantar um sistema de classificação funcional, a fim de agrupar deficiências semelhantes por modalidades, nivelamento importante para garantir a legitimidade esportiva dos atletas.

As diversas mudanças e transformações ocorridas no Esporte Paralímpico, a exemplo do Olímpico, despertam olhares curiosos acerca do desempenho dos atletas. Atualmente, podemos encontrar diversos estudos voltados ao uso de tecnologias, ao *marketing* esportivo e à saúde dos atletas paralímpicos, principalmente em casos de *doping*. Sobre este último, discorreremos a seguir, mas antes trataremos da importância da classificação funcional para os atletas paralímpicos e as mudanças ocorridas no decorrer dos anos.

2.3 Classificação Funcional de Atletas Paralímpicos

A Classificação funcional se refere ao processo pelo qual os atletas são avaliados quanto ao impacto da deficiência na sua capacidade de competir em um evento esportivo específico. O objetivo é assegurar que apenas habilidades e talentos dos atletas determinem seu sucesso competitivo, assim, demonstra-se que a deficiência pode afetar o desempenho do atleta no esporte (MILLS; KRASSIOUKOV, 2001; IPC, 2015).

De acordo com De-Castro (2011), a classificação fornece uma estrutura para competição. Os atletas que competem em esportes para deficientes levam uma desvantagem competitiva em relação ao esporte para não deficientes. Consequentemente, o sistema de classificação deve ser implementado para minimizar o impacto de deficiências na *performance* esportiva e garantir que o sucesso de um atleta seja determinado pela habilidade tática, aptidão, resistência e foco mental (IPC, 2015).

Esse modelo de sistema foi proposto pela primeira vez em 1976, pelo Dr. Horst Strohkendel, na Alemanha, na sua tese de doutorado. Foi aperfeiçoado mais tarde e utilizado nos Jogos Paralímpicos de Barcelona, em 1992 (DE-CASTRO, 2011). Passou de classificação médica para funcional, com exceção ao sistema de classificação usado em atletas com deficiência visual, que permaneceu com base médica (WINNICK, 2004). Mesmo nos esportes para deficientes, existem habilidades e características diversificadas, como o grau de acuidade de pessoas com deficiência visual, que varia da mesma forma

que o nível de comprometimento físico de pessoas com paralisia cerebral (WINNICK, 2004).

Mills e Krassioukov (2011) mostram que todas as classificações têm um foco exclusivo sobre a função motora dos braços, do tronco e das extremidades inferiores, dentro dos quais algumas modalidades consideram, ainda, déficits na sensação da pele. Por isso, os classificadores devem ser profissionais aptos e conhecer os tipos de doenças e patologias de cada deficiência.

Nesse sentido, foram desenvolvidos sistemas de avaliação que possibilitam uma classificação mais objetiva dos atletas, segundo os critérios apresentados no Quadro 3.

Quadro 3 - Sistema avaliativo de Classificação Funcional.

A avaliação é composta por quatro partes
✓ Revisão da documentação médica do comprometimento
✓ Exame físico para estabelecer a presença de uma deficiência, que permite ao atleta participar do esporte para deficientes
✓ Avaliação técnica na qual os classificadores observam que o atleta realiza tarefas esportivas em um ambiente simulado para determinar em que medida o desempenho é limitado pela deficiência
✓ Avaliação da observação em que os classificadores observam o atleta que executa habilidades específicas do esporte durante uma sessão de treinamento ou competição

Fonte: Elaborado pela autora (2017). Fonte: MILLS; KRASSIOUKOV, 2011 Autonomic function as a missing piece of the classification of Paralympic athletes with spinal cord injury. *Spinal Cord* 2011, p. 770.

O quadro 3, segundo IPC (2015), em sua maioria, os classificadores são médicos, fisioterapeutas, treinadores, profissionais de educação física e psicólogos do esporte. No Brasil, a equipe é composta por médicos, fisioterapeutas e profissionais de educação física. Os atletas são classificados em três estágios: médico, funcional e técnico (CARDOSO; GAYA, 2014). Na parte médica, são realizados exames físicos a fim de averiguar a patologia do atleta e inabilidade da função muscular. Na avaliação funcional, realiza-se testes de força, amplitude articular, mensuração de membros, coordenação motora. A avaliação técnica, por sua vez, consiste na demonstração da prova realizada, utilizando adaptações necessárias, observando os grupos musculares na execução do movimento, na técnica utilizada, assim como a utilização de próteses e órteses (CARDOSO; GAYA, 2014). Dessa forma, De-Castro (2011) pontua que a classificação funcional só se confirma após análise do potencial de ação de cada atleta por profissionais devidamente especializados.

A fim de entendermos o sistema de classificação funcional usado internacionalmente, apresentamo-lo nos Quadros 4 a 14, separados por modalidades

esportivas que contemplam o presente estudo, e o grau de severidade, utilizados por Classificadores Funcionais.

Quadro 4 - Classificação Funcional do Atletismo.

T - Track (pista)	
T 11 - T 13	Deficientes visuais
T 31 - T 38	Paralisados cerebrais
31 a 34	cadeirantes
35 a 38	andantes
T 42 - T 46	Amputados ou deficiência nos membros superiores e inferiores
T 42 e T 44	membros inferiores
T 45 e T 46	membros superiores
T 51 a T 54	Competem em cadeiras de rodas (sequelas de poliomelite, lesões medulares, amputações)
F - Field (campo)	
F 11 - F 13	Deficientes visuais
F 20	Deficientes Intelectuais
F 31 a F 38	Paralisados Cerebrais
31 a 34	cadeirantes
35 a 38	ambulantes
F 40 a F 41	Anões
F 42 a F 46	Amputados ou deficiência nos membros superiores ou inferiores
F 42 e F 44	membros inferiores
F 45 e F 46	membros superiores
F 51 a F 58	Competem em cadeiras de rodas (sequelas de poliomelite, lesões medulares, amputações)
Atleta Guia e Chamador	
T 11	Correm ao lado do atleta guia e usam o cordão de ligação. No salto em distância são auxiliados por um chamador
T 12	Atleta-guia e chamador são opcionais
T 13	Não podem usar atleta-guia e nem ser auxiliados por chamador

Fonte: Elaborado pela autora (2017). Fonte: *International Paralympic Committee* (IPC).

Quadro 5 - Classificação Funcional do Bocha.

BC1	Opção de auxílio de ajudantes (podem estabilizar e ajustar a cadeira do jogador e entregar a bola quando pedido)
BC2	Não podem receber assistência
BC3	Deficiências muito severas. Usam instrumento auxiliar, podendo ser ajudados por outra pessoa
BC4	Outras deficiências severas, mas que não recebem assistência

Fonte: Elaborado pela autora (2017). Fonte: *International Paralympic Committee* (IPC)

Quadro 6 - Classificação Funcional da Esgrima em cadeira de roda.

Categoria A	Atletas com mobilidade no tronco: amputados ou com limitação de movimento
Categoria B	Atleta com menor mobilidade no tronco e equilíbrio
Categoria C	Atletas com tetraplágia, com comprometimento do movimento do tronco, mãos e braços

Fonte: Elaborado pela autora (2017). Fonte: *International Paralympic Committee* (IPC).

Quadro 7 - Classificação Funcional do Halterofilismo.

Os atletas competem em categorias de peso, assim como na versão olímpica.

Fonte: Elaborado pela autora (2017). Fonte: *International Paralympic Committee* (IPC).

Quadro 8 - Classificação Funcional do Judô.

B1	Cegos totais ou com percepção de luz, mas sem reconhecer o formato de uma mão a qualquer distância
B2	Atletas com percepção de vultos
B3	Atletas que conseguem definir imagens

Fonte: Elaborado pela autora (2017). Fonte: *International Paralympic Committee* (IPC).

Quadro 9 - Classificação Funcional da Nataação.

<i>Classes</i>	<i>Nomenclatura</i>
	S (<i>swimming</i>) / Peito (SB) / Medley (SM)
1 a 10	Atletas com limitações físico-motoras
11 a 13	Atletas com deficiência visual
14	Atletas com deficiência intelectual

Fonte: Elaborado pela autora (2017). Fonte: *International Paralympic Committee* (IPC).

Quadro 10 - Classificação Funcional do Tênis de Mesa.

1 a 5	Cadeirantes
6 a 10	Andantes
11	Andantes deficientes intelectuais

Fonte: Elaborado pela autora (2017). Fonte: *International Paralympic Committee* (IPC).

Quadro 11 - Classificação Funcional do Tênis em cadeira de rodas (CR).

<i>Open</i> ou Aberta	Atletas diagnosticados obrigatoriamente com alguma deficiência nos membros inferiores
<i>Quad</i> ou Tetra	Atletas com deficiência em três ou mais extremidades do corpo

Fonte: Elaborado pela autora (2017). Fonte: *International Paralympic Committee* (IPC).

Quadro 12 - Classificação Funcional do Tiro com Arco.

Standing (ARST)	Atletas sem deficiência nos braços, mas com deficiência leve nas pernas. Pode atirar em pé ou deitado
ARW1	Atletas com deficiência nos braços e nas pernas, com movimentos limitados e pouco controle dos braços. E pouco ou nenhum controle do tronco
ARW2	Atletas com paraplegia e mobilidade articular limitada nos membros inferiores e que precisam de cadeira de rodas para uso diário. Competem junto com ARST

Fonte: Elaborado pela autora (2017). Fonte: *International Paralympic Committee* (IPC).

Quadro 13 - Classificação Funcional da Vela.

2.4mR	O atleta deve ser classificado de 1 a 7 pontos
SKUD 18	A somatória dos tripulantes não pode passar 9 pontos
SONAR	A somatória dos tripulantes não pode passar 14 pontos

Fonte: Elaborado pela autora (2017). Fonte: *International Paralympic Committee* (IPC).

Quadro 14 - Classificação Funcional do Hipismo.

Grau IA	Atletas com deficiências graves que afetam todos os membros e o tronco. O atleta geralmente requer o uso de uma cadeira de rodas na vida diária.
Grau IB	Atletas com comprometimento grave do tronco e mínimo dos membros superiores ou comprometimento moderado do tronco, membros superiores e inferiores. A maioria dos atletas desta classe usam uma cadeira de rodas na vida diária.
Grau II	Atletas com comprometimento severo em ambos os membros inferiores com comprometimento mínimo ou nenhum do tronco ou comprometimento moderado dos membros superiores e inferiores e do tronco. Alguns atletas desta classe podem usar uma cadeira de rodas na vida diária.
Grau III	Atletas com comprometimento grave ou deficiência de ambos os membros superiores ou moderado de todos os quatro membros, ou baixa estatura. Atletas capazes de caminhar e geralmente não requerem uma cadeira de rodas na vida diária. Inclui também atletas com deficiência visual.
Grau IV	Atletas com comprometimento leve da amplitude de movimento ou força muscular ou deficiência de um membro ou deficiência leve de dois membros. Inclui também atletas com deficiência visual.

Fonte: Elaborado pela autora (2017). Fonte: *International Paralympic Committee* (IPC).

Os Quadros 4-14 possibilitam compreender sobre a importância da classificação funcional do esporte paralímpico, permitindo também, ao atleta, compreender melhor as particularidades de sua modalidade esportiva.

No que tange à classificação funcional, mudanças pontuais foram importantes, a fim de não interferir negativamente no desempenho dos atletas. Deixa-se de seguir o modelo categórico e médico, passando por classificar o atleta de maneira funcional e global, visando as particularidades de cada deficiência.

Em sua maioria, os atletas paralímpicos iniciam no esporte a partir de programas de reabilitação. À medida que há melhoras em seu quadro em relação ao estado anterior, eles precisam ser classificados novamente. O processo contrário também é possível no esporte paralímpico. Dependendo do tipo de patologia², o atleta pode regredir em seu quadro e precisar ser submetido novamente à classificação, a fim de adequar o atleta à categoria específica em sua modalidade. Em casos nos quais a adequação não se torna possível, o atleta pode ser transferido para outra modalidade esportiva.

Em meio às mudanças e às inovações inerentes ao esporte de alto rendimento, tanto no esporte Olímpico como no Paralímpico, casos de *doping* foram encontrados em atleta Russos, culminando em não participação nas Paralimpíadas realizadas no Brasil, em 2016 (UOL, 2016). No esporte Paralímpico, a exemplo do Olímpico, existem regras e diversos manuais de instrução sobre o uso de substâncias proibidas.

A busca pela melhora do desempenho, aliada a metas de curto prazo e quebras de *records*, muitas vezes levam atletas a fazerem uso de substâncias proibidas. Estudos de De-Castro (2011), Mills e Krassioukov (2011) e Blauwet *et al.* (2013) revelam casos de atletas lesionados medulares (LM) acima do nível T6, e no caso do atletismo em cadeira de rodas (T51 / T52 / T53), em situações de competição por meio do efeito *boosting*, ocorre o aumento da pressão sanguínea e por meio da disreflexia autonômica (AD), apresentaram melhoras no desempenho em 9,7% dos casos, contudo, pode ocasionar graves riscos à saúde do atleta.

Por não apresentarem dor abaixo da lesão e por terem uma pressão arterial mais baixa comparadas a andantes, a indução pode ser realizada de várias maneiras, seja quebrar um dedo, comprimir a bexiga evitando seu esvaziamento, usar um calçado apertado. Aumentando pressão sanguínea, podendo levar o atleta a ataques cardíacos, entre outros (DE-CASTRO, 2011, p.568)².

² O estudo contou com a participação de atletas com patologia tipo congênitas e adquiridas. A doença congênita é caracterizada como aquela que existe no indivíduo na fase uterina. E a adquirida, ocorre depois do nascimento, em virtude de infecções, traumatismos e intoxicações (SOUZA; CARNEIRO, 2007).

A prática está proibida desde 1994 e é acompanhada severamente pelo IPC, aferindo pressão arterial de atletas, pré e pós competições, a fim de inibir ações como a descrita. Dessa forma, como vimos no decorrer do capítulo, o esporte de alto rendimento é permeado de situações adversas. O Esporte Paralímpico, assim como o Olímpico, perpassa situações peculiares ao esporte, ambos passíveis de histórias de superação, adaptação, aceitação, lutas em meio a situações adversas e hostis, que levam a refletir sobre o “espírito olímpico” delineado no início da revisão. Quando a chama e os holofotes se apagam, como a vida caminha nos bastidores? Persistência? Se há, o que leva o atleta a perseverar?

2.4 Resiliência

Ao longo do desenvolvimento humano, a resiliência pode manifestar-se nos mais diversos contextos socioculturais, emergindo a partir das mudanças que ocorrem no ser humano e nas suas relações com o ambiente, sejam eles organizacionais, escolares, familiares, militares, nas ciências humanas, exatas, sociais, na saúde (enfermagem, medicina, entre outros) e nas ciências do esporte. Nesse último, voltados à competição e ao desempenho dos atletas de alto rendimento.

A presente seção abordará o contexto histórico da resiliência nas ciências humanas, elencando os diversos conceitos estudados e sua relação com o esporte de alto rendimento.

2.4.1 Contextualização histórica da Resiliência

Os primeiros estudos sobre Resiliência nas Ciências Humanas surgiram em meados de 1980, na Europa. Eram voltados à estratégia de *coping* e invulnerabilidade com crianças e adolescentes em situação de risco (CYRULNIK, 2003, 2005; LUTHAR *et al.* 2000; RUTTER, 2007).

Observou-se que crianças e adolescentes, em meio às situações hostis de vida, eram capazes de manter bons padrões de normalidade e de sociabilidade com seus pares, fatores considerados importantes para manter seu desenvolvimento psicossocial, contribuindo para a melhoria de sua qualidade de vida (POLLETTO *et al.*, 2004; INFANTE, 2005). Devido às respostas dessas crianças e adolescentes frente aos

estressores, passaram a categorizá-las como resilientes (LUTHAR *et al.*, 2000; RUTTER, 2007).

No Brasil, estudos relacionados à Resiliência são recentes. Os primeiros surgiram em meados dos anos 2000, voltados às famílias, crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social (ASSIS *et al.*, 2006; YUNES, 2003, 2006; PESCE *et al.*, 2004, 2005; POLETTO *et al.*, 2004; JUNQUEIRA; DESLANDES, 2003). Podemos também encontrar pesquisas direcionadas às organizações e ao mundo do trabalho (JOB, 2003; BARLACH *et al.*, 2008; RIBEIRO *et al.*, 2011, CARVALHO *et al.*, 2014). No esporte, estão principalmente dirigidas ao alto rendimento (SANCHES; RUBIO, 2010; FONTES; BRANDÃO, 2013).

2.4.2 Conceito de Resiliência

Resiliência, do latim *resilire*, pode ser traduzida por *saltar para trás*. É definida no dicionário de língua inglesa Oxford como *able to withstand or recover quickly from difficult conditions*, no sentido de retornar a um estado anterior ou poder de recuperar a estrutura física do material (SOANES; STEVENSON, 2006).

Termo originário das Ciências Exatas, a resiliência reside na capacidade de um material absorver energia quando deformado elasticamente e, depois, com a remoção da carga, permitir a recuperação dessa energia (JR-CALLISTER; RETHWISCH, 2016; ONOUYE, KANE, 2018).

Na Física, a resiliência se aplica ao conceito de comportamento plástico e elástico de um material. Segundo Jr-Callister e Rethwisch (2016, p.164), o comportamento elástico liga-se à “capacidade de um material retornar à sua forma original quando retirado os esforços externos sobre ele”. Segundo Mützenber *et al.* (2004, p.308), quando “o limite elástico é ultrapassado, o fio perde a capacidade de retornar o seu comprimento original, apresentando comportamento plástico”.

O comportamento plástico ocorre no momento em que o material não consegue mais recuperar sua forma e dimensões originais, devido às tensões submetidas que ultrapassam seu limite, ocorrendo uma deformação permanente e não recuperável (MÜTZENBERG, 2004; JR-CALLISTER; RETHWISCH, 2016; ONOUYE; KANE, 2018).

É importante notar que, para as ciências exatas, a resiliência reside justamente no processo de deformação elástica. Ao ultrapassar seu limiar de tensão, ocorre um

processo irreversível de deformação, no qual a sua capacidade de retomada ao estágio anterior ao da tensão não se torna mais possível. A Física mostra que, independente de qual comportamento o material tenha sofrido, seja ele elástico ou plástico, a deformação ocorrerá, pois nem mesmo um material com alto teor de resistência será capaz de resistir a tamanha tensão sem sofrer alguma perturbação.

Nessa linha, de acordo com estudos realizados por Berndt (2018), pessoas resilientes em condições desfavoráveis apresentam capacidades pessoais e sociais de enfrentar as situações, contribuindo para o seu desenvolvimento e amadurecimento pessoal.

Do mesmo modo, Zimmermann e Arunkumar (1994), Pesce *et al.* (2004, 2005) e Fletcher e Sarkar (2013) consideram que a resiliência auxilia o indivíduo a superar situações adversas, oferecendo papéis preventivos aos efeitos negativos do estresse, não excluindo o problema ou impedindo que o indivíduo seja atingido por suas dificuldades, mas possibilita que ele ressignifique o que foi vivido.

Nesse sentido, estudos de Pesce *et al.* (2004, 2005) apresentam a resiliência como fenômeno complexo e voltado aos aspectos emocionais dos seres humanos, que deve ser compreendido dentro de um conjunto amplo de fatores intrínsecos e extrínsecos. Ou seja, “deve-se levar em consideração o processo dinâmico que envolve a interação entre os processos sociais e intrapsíquicos de risco e de proteção” (ASSIS *et al.*, 2006, p.19).

A adaptação positiva frente aos fatores de risco oferece, ao indivíduo, a partir de seus recursos internos, relacionar-se de forma positiva com as circunstâncias que estão à sua volta (RICHARDSON, 2002; INFANTE, 2005; FLETCHER; SARKAR, 2013).

Os mecanismos de proteção, compostos por recursos pessoais ligados à autoestima e à autoeficácia, possibilitam o estabelecimento de relações de apego seguros, sejam eles ligados à família, à sociedade ou aos fatores ambientais, propiciando o estabelecimento de metas e o cumprimento de suas tarefas com êxito e, assim, criando oportunidades para reverter os efeitos causados pelo estresse (PESCE *et al.* 2004, 2005; RUTTER, 2007). Esses mecanismos podem ser facilitadores aos indivíduos em meio à vulnerabilidade.

Dessa forma, construir qualidades positivas dentro de uma perspectiva saudável, leva em conta fatores de resiliência importantes para o seu desenvolvimento, como felicidade, esperança, criatividade, perseverança, espiritualidade e otimismo (SELIGMAN; CSIKSZENTMIHALYI, 2000).

Seligman e Csikszentmihalyi (2000) afirmam que um indivíduo otimista pode desenvolver componentes cognitivos, emocionais e motivacionais capazes de melhorar o humor, tornando-o mais perseverante e motivado para desenvolver suas potencialidades, além de propiciar desafios capazes de culminar em crescimento pessoal, proporcionando qualidade de vida, tanto física quanto mental.

Dentro desse contexto, Bowlby (1990) considera que o estabelecimento de bons relacionamentos familiares favorece o apoio, a cooperação, os comportamentos e os pensamentos positivos, fatores que podem contribuir para uma personalidade estruturada, controlada e resiliente em situações adversas, principalmente se tratando de crianças e adolescentes em fase de desenvolvimento maturacional. Segundo o autor, as primeiras experiências da criança podem ser facilitadoras para o desenvolvimento de uma personalidade saudável, desde que tais experiências com adultos e/ou cuidadores tenham sido positivas (BOWLBY, 1990).

A adaptação resiliente na infância, segundo Infante (2005), pode contribuir para uma adaptação resiliente na adolescência e, assim, refletir na vida adulta. Porém, por mais que um indivíduo possa reagir positivamente à adversidade em determinados momentos de sua vida, em outros, as respostas a esses estressores podem mudar (LUTHAR *et al.*, 2000). Com a mudança, a resiliência se altera.

É importante destacar alguns conceitos sobre resiliência, traço que, segundo Block e Block (1980), descreve um conjunto de características de “resiliência ego”, que refletem em força, coragem e flexibilidade do funcionamento de respostas diferentes frente às exigências ambientais. Assim, sugere-se que indivíduos “ego resilientes” apresentariam bons padrões de otimismo, de curiosidade e de capacidade de superar e de enfrentar problemas (CYRULNIK, 2003, 2005).

Nesse sentido, Infante (2005) considera que essa estabilidade durante o desenvolvimento não significa que a pessoa é resiliente. Segundo a mesma autora (*ibid.*), considerar a resiliência como um traço de personalidade ou atributo pessoal seria equivocado, pois a ego-resiliência não se desenvolve, por mais que seja inerente a alguns seres humanos, requer a presença da adversidade, um dos elementos centrais da resiliência.

Estabilidade ao longo do desenvolvimento significa que, se o ambiente provê os recursos necessários para que a criança que vive em situação de adversidade possa continuar se adaptando positivamente, durante as diferentes etapas do desenvolvimento, pode-se dizer que a resiliência se manterá como uma capacidade estável durante a vida (INFANTE, 2005, p. 28-29).

Essa afirmação descarta, dessa forma, a resiliência como traço de personalidade. Em alguns momentos, o indivíduo pode apresentar uma melhor adaptação à adversidade, em outros, não. Em decorrência disso, pode-se dizer que a resiliência se caracteriza como estado.

De acordo com Infante (2005), Fletcher e Sarkar (2013), o processo de resiliência envolve adaptação positiva em meio à adversidade e o comportamento adaptativo de superação às situações aversivas precisa ser evidente. Segundo Infante (2005), essa adaptação pode ser determinada pelo desenvolvimento de algum aspecto do indivíduo ou pela ausência de condutas disruptivas³, em casos de crianças e adolescentes. Em ambos os casos, a autora salienta que é necessário considerar o desenvolvimento normal, particularizando o grupo cultural que a resiliência pode ser observada, em condutas ou em áreas específicas do desenvolvimento humano, sendo necessário fortalecer a resiliência ao longo da vida (INFANTE, 2005).

Nota-se que os estudos voltados para crianças e adolescentes alicerçam a questão da resiliência, possibilitando discussões em outros ambientes, como esporte, luto e doenças graves. Estudos de Connor e Davidson (2003), Bonanno (2005) expõem a resiliência como resultado de eventos potencialmente traumáticos, como luto, situações de extrema violência social e doenças graves.

Segundo Bonanno (2005), em caso de enlutados, os indivíduos podem demonstrar algum grau de recuperação, apesar de sintomas de depressão e dificuldades em realizar tarefas cotidianas, e serem capazes de prosseguir suas vidas mesmo em meio ao trauma vivenciado. Para Connor e Davidson (2003), a resiliência pode ser usada como capacidade de enfrentamento de tratamento em pacientes com depressão, ansiedade e estresse.

Essas questões remetem a uma questão importante a ser considerada e destacada: a diferença entre *coping* e resiliência. Estudiosos do campo da resiliência informam que *coping* é entendido como um conjunto de esforços cognitivos e comportamentais que objetivam lidar com demandas específicas, internas e externas, que surgem em situação de estresse e são avaliadas como sobrecarregando ou excedendo os recursos pessoais (SINCLAIR, 2004; DELL'AGLIO, 2000). Pode-se afirmar que:

As estratégias de *coping* distinguem-se dos mecanismos de defesa, porque são medidas rígidas, internas e inconscientes que buscam dominar o sofrimento provocado pelo estresse e não se adaptam às circunstâncias específicas que se enfrenta (PESCE, *et al.* 2006, p.88)

Segundo Assis *et al.* (2006), as estratégias de *coping* têm como função regular o estado emocional que acompanha o estresse, caracterizado como *coping* focalizado nas emoções, e atuar diretamente na situação que originou o estresse, caracterizado como *coping* focalizado no problema. Enquanto a resiliência avalia a influência de um evento estressor, encorajando os indivíduos a enfrentar a situação aversiva sem eliminar o risco, o *coping* utiliza de estratégias de enfrentamentos para lidar com os eventos potencialmente estressantes (FLETCHER; SARKAR, 2013; SINCLAIR, 2004; DELL'AGLIO, 2000).

Dessa forma, podemos compreender a dimensão da resiliência acerca da natureza humana. A resiliência pode auxiliar os indivíduos em suas formas de superação e de transformação, caminhando para reconstruir sua história de vida e, assim, ressignificá-la. Sob esse processo de ressignificação, trataremos a seguir, mais especificamente, sobre a resiliência no âmbito esportivo e a importância da adaptação no esporte paralímpico.

2.4.3 Resiliência e Esporte

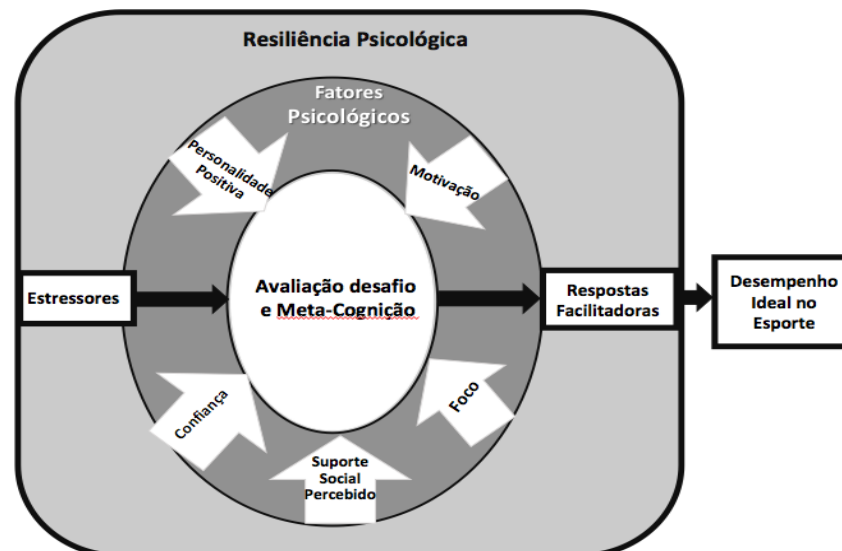
No esporte, pesquisas voltadas à resiliência surgiram como tentativas de investigar a capacidade de atletas em lidar com estressores em ambientes competitivos sem que sofressem interferência em seu desempenho esportivo⁴. Entende-se por estressores, segundo Fletcher e Sarkar (2014), exigências ambientais associadas diretamente aos eventos cotidianos e aos fatores emocionais. Diversos estudos apontam que esses influenciadores, sejam eles ligados à dor, ao cansaço, às lesões, às condições climáticas extremas, ao treinamento intenso, à influência de clubes, aos dirigentes, aos técnicos, à torcida e aos fatores pessoais ligados à família, podem interferir diretamente no desempenho de atletas (MACHADO; GOMES, 2011; FONTES; BRANDÃO, 2013; FLETCHER; SARKAR, 2012; 2013; MACHIDA, *et al.*, 2013; SARKAR; FLETCHER, 2014).

Estudos de Fletcher e Sarkar (2012) com atletas medalhistas olímpicos, relacionaram a resiliência psicológica ao excelente desempenho de atletas. Segundo os autores, o bom desempenho dos atletas se deve ao fato de conseguirem lidar com pressões ao longo de suas carreiras, adaptando-se às adversidades, ou seja, aos estressores, de maneira que a capacidade de gerenciamento de estresse seria um pré-requisito para atingir

a excelência atlética (FLEATHER; SARKAR 2012, 2013; SARKAR; FLEATHER, 2014).

Nessa perspectiva, os autores criaram um modelo teórico para explicar a resiliência no esporte.

Figura 1- Modelo Teórico de Resiliência Psicológica.



Adaptado pela autora (2017). Fonte: FLETCHER, D.; SARKAR, M. A grounded theory of psychological resilience in Olympic champions **Psychology of Sport and Exercise**, p.672, 2012.

O modelo teórico desenvolvido por Fletcher e Sarkar (2012) retrata a Resiliência Psicológica como conceito que envolve:

- **Estressores** (competição, organização - envolvendo a política esportiva e família);
- **Avaliação cognitiva ou avaliação desafio e meta-cognição** (o atleta percebe os estressores como respostas desafiadoras e fontes de crescimento, desenvolvimento e controle emocional, como vantagem competitiva);
- **Fatores psicológicos:** personalidade positiva (conscioso, otimista, inovador, extrovertido, emocionalmente estável e pró ativo):
 - a. *motivação* (capacidade de internalizar e integrar formas mais autodeterminadas de motivação extrínseca);
 - b. *confiança* (em si, no técnico, nos colegas e em sua preparação, seja ela física ou psicológica);
 - c. *foco* (em si e no processo competitivo);

d. *suporte social percebido ou apoio social* (família, técnicos, equipe multidisciplinar de trabalho e companheiros de equipe).

• **Respostas facilitadoras** (respostas comportamentais positivas que envolvem consciência das emoções, tomada de decisão, reflexão e maior engajamento na tarefa).

Segundo os autores, todos os processos descritos ajudam o atleta a promover respostas positivas, facilitando tomadas de decisões importantes no curso da competição, na percepção de esforço, no compromisso, levando, assim, a um bom desempenho esportivo (FLETCHER; SARKAR, 2012; SARKAR; FLECTHER, 2014).

No esporte paralímpico, segundo estudos de Machida et al. (2013), a resiliência auxilia na saúde mental dos atletas, bem como em seu processo de reabilitação. Os fatores psicológicos, como personalidade positiva, motivação, confiança, foco e apoio social recebido, contribuem para que os melhores atletas otimizem da melhor forma suas emoções, a fim de resistir aos estressores que enfrentam (FLETCHER; SARKAR, 2012; SARKAR; FLECTHER, 2014).

Segundo os autores (ibid.), atletas autoconfiantes são capazes de desenvolver suas habilidades e as competências necessárias, sejam elas psicológicas ou mentais, para atingir seu potencial. As emoções positivas, segundo Fletcher e Sarkar (2012), ajudam o atleta a permanecer calmo, confiante, possibilitando o relaxamento sobre situações de pressão. O relaxamento não induz propriamente à não agressividade. A agressividade, em algumas modalidades esportivas, são importantes aliados competitivos, desde que não resulte em atos de violência com o outro. Antes, induz na capacidade de ajudar o atleta a canalizá-la em momentos oportunos, facilitando sua concentração, dirigindo-o em direção às suas metas, aumentando o esforço, focalizando e mantendo suas estratégias de jogos (SARKAR; FLECTHER, 2014).

O papel da confiança também deve ser destacado. Apontamentos de Fletcher e Sarkar (2013) posicionam a confiança como tendo um papel importante no esporte, por meio do qual os atletas podem gerenciar seus pensamentos, sentimentos e comportamentos, resultando em respostas positivas, principalmente no que tange a processos de transição de carreira.

De acordo com Weinberg e Gould (2017), a transição de carreira pode levar à insegurança e à falta de confiança. Os processos de mudanças, muitas vezes ocasionados pelo medo, podem prejudicar o desempenho dos atletas, ocasionando a quebra de concentração e indecisão sobre seu futuro. Sabe-se que o excesso de confiança é prejudicial, pois pode levar o atleta a não se preparar de maneira adequada, e, assim,

conduzir à falta de esperança, desencorajamento e dificuldades de enfrentamentos, além de poder influenciar negativamente no desempenho dos atletas tanto quanto uma preparação ruim (WEINBERG; GOULD, 2017; FLECTHER; SARKAR, 2013; SARKAR; FLECTHER, 2014).

Nesse sentido, compreende-se a resiliência no contexto esportivo como processo capaz de adaptar os estressores e as suas demandas, buscando trabalhar ações de cooperação individual e coletiva, a fim de promover atitudes positivas e empáticas em prol dos objetivos traçados.

No Capítulo a seguir, apresentaremos a Metodologia adotada na pesquisa, assim como os Procedimentos, seguidos de Resultados e Discussão, e finalmente as Considerações Finais do trabalho.

3 METODOLOGIA

O presente estudo foi desenvolvido por meio de pesquisa de natureza quali-quantitativa, utilizando, como instrumentos de coleta de dados, um Questionário de Perfil Demográfico, desenvolvido pela autora e uma Escala de Aplicabilidade e Resiliência, tipo *Likert*, de Assis *et al.* (2006). Antes da aplicação dos instrumentos mencionados, foi realizado um estudo piloto.

A pesquisa relacionou conteúdos bibliográficos envolvendo publicações de artigos em periódicos, dissertações e teses. Também constou de um levantamento sobre o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) e o *International Paralympic Committee* (IPC), o que permitiu melhor familiarização com a temática estudada, enriquecendo e aprimorando o estudo proposto.

O presente capítulo tem como objetivo descrever o caminho percorrido pela pesquisadora desde a construção das hipóteses até a descrição, previsão e explicação em relação aos dados mensuráveis.

3.1 Método de Pesquisa

O método quantitativo, segundo Shaughnessy *et al.* (2012), refere-se à estudos cujos resultados são predominantemente numéricos e passíveis de análise estatísticas. Marconi e Lakatos (2011) destacam que o método quantitativo busca, por meio do levantamento de dados, testar hipóteses baseadas em medidas numéricas e análises para expandir informações e estabelecer padrões de comportamentos. As autoras afirmam que a fundamentação do método quantitativo está em sua abordagem hipotético-dedutiva que, a partir da colocação do problema e da conjectura, busca, por meio da observação e da experimentação, a compreensão e a explicação do fenômeno observado (MARCONI; LAKATOS, 2011). Já o método qualitativo, segundo as autoras, preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos e complexos do comportamento humano, visando uma compreensão particular do objeto que se investiga dentro do contexto em que os fenômenos ocorrem (MARCONI; LAKATOS, 2011). Nesse sentido, podem proporcionar uma visão mais ampla do problema e, muitas vezes, conduzir a novas hipóteses.

Para esta pesquisa, a opção metodológica quali-quantitativa se mostrou a mais adequada, considerando que o foco, em função dos objetivos propostos, envolveu, além

de procedimentos de natureza mais objetiva, como observar, medir, comparar, testar hipóteses, também a compreensão e a manifestação da natureza do fenômeno observado, a resiliência.

Cumpra ainda ressaltar a importância que as ferramentas tecnológicas utilizadas desempenharam no desenvolvimento deste trabalho. Assim, as ferramentas da *Internet*, como o Google Drive® e das redes sociais, Facebook® e Skype®, permitiram explorar melhor o universo do estudo. Investigações de Fragoso *et al.* (2011) destacam que as pesquisas da *internet*, iniciadas no século XX, possibilitaram maior exploração do mundo da *cibercultura*, permitindo, aos pesquisadores, melhores apropriações das ferramentas tecnológicas, a fim de promover avanços e interações sociais por meio do mundo virtual.

[...] a internet possui ainda a característica da pertinência das interações sociais, essas são mais facilmente percebidas, gerando novas oportunidades de estudos de grupos sociais (FRAGOSO, *et al.*, 2011, p.116).

As autoras enfatizam os cuidados que devem ser tomados ao realizar pesquisas nas redes sociais, alertam sobre a importância do pesquisador verificar, antes de realizar o contato com o usuário do perfil, sua legitimidade, para não comprometer a natureza da pesquisa. Isso deixa claro que as possibilidades e as perspectivas de estudos das redes sociais, por meio do *ciberespaço*, são inúmeras e promissoras (FRAGOSO *et al.*, 2011).

3.2 Participantes

O presente estudo contou com a participação de atletas que integram a seleção brasileira paralímpica. Para cada participante foi explicitado o objetivo da pesquisa, informando sobre a sua importância, enfatizando a participação voluntária, além da garantia de confidencialidade e anonimato, assim como ter sido informado o custo nulo ao participante.

Dos 200 atletas contatados e pertencentes às modalidades individuais da seleção brasileira paralímpica, dispuseram-se a participar da pesquisa 53 atletas, dos quais 34 são homens e 19 são mulheres. Brasileiros, de ambos os sexos, com idade média de 30,6 anos e desvio padrão 8,8. Atletas de 12 modalidades esportivas individuais e participantes dos Jogos Paralímpicos realizados na cidade do Rio de Janeiro no ano de 2016.

Os atletas participantes são naturais dos mais diversos estados do país, do Acre ao Rio Grande do Sul. Foram excluídos do estudo os atletas paralímpicos que não

pertenciam à seleção brasileira paralímpica e aqueles que deixaram de responder aos instrumentos de coleta.

3.3 Material

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados da pesquisa foram: a Escala de Aplicabilidade e Resiliência (PESCE *et al.* 2005), ANEXO A; e um Questionário de Perfil Demográfico estruturado com perguntas fechadas, APÊNDICE A.

A Escala de Aplicabilidade e Resiliência se trata de um instrumento utilizado para medir níveis de adaptação psicossocial positiva frente a eventos importantes da vida. Essa Escala, tipo *Likert*, é composta de 25 itens, descritos de forma positiva, que assumem valores de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente). Em questionários com Escala tipo *Likert*, os entrevistados especificam seu nível de concordância ou não concordância da afirmação proposta em um item do questionário (MATTHIENSEN, 2011).

Assim, a Escala varia de 25 a 175 pontos, em que os escores mais altos indicam mais alto nível de resiliência. Os itens dessa Escala buscam avaliar a habilidade na resolução de ações de valores que dão sentido à vida (amizade, realização profissional, satisfação e significado da vida), capacidade de independência, determinação, autoconfiança e adaptação às situações adversas (ASSIS, *et al.*, 2006).

O estudo considerou o total da soma dos escores e definiu o ponto de corte a partir da média aritmética das respostas menos o desvio padrão, conforme orienta Assis *et al.* (2006), com a finalidade de classificar indivíduos como mais e menos resilientes.

Nessa etapa, é importante ressaltar, também, o uso de instrumentos de medida precisos, que primem por sua fidedignidade, confiabilidade e que tenham passado pelos devidos processos de validação e transculturalidade (PESCE *et al.*, 2005), aspectos considerados tanto no presente estudo quanto da Análise de Dados, item 3.5.

Na sequência, detalhamos, no Quadro 15, a estrutura da Escala de Aplicabilidade e Resiliência, assim como os fatores, os itens e a definição conceitual.

Quadro 15 - Escala de Aplicabilidade e Resiliência.

Fatores	Itens	Definição Conceitual
1	<p>a. Quando eu faço planos, eu os levo até o fim. b. Eu costumo lidar com os problemas de uma forma ou de outra. f. Eu sinto orgulho de ter realizado coisas em minha vida. h. Eu sou amigo de mim mesmo. j. Eu sou determinado. l. Eu faço as coisas um dia de cada vez. n. Eu sou disciplinado. p. Eu normalmente posso achar motivo para rir. r. Em uma emergência, eu sou uma pessoa em quem as pessoas podem contar. s. Eu posso geralmente olhar uma situação de diversas maneiras. u. Minha vida tem sentido. w. Quando eu estou numa situação difícil, eu normalmente acho uma saída. x. Tudo bem se há pessoas que não gostam de mim. y. Eu tenho energia suficiente para fazer o que eu tenho que fazer.</p>	<p>Sete itens que correspondem a competência pessoal (autoconfiança, independência, determinação, invencibilidade, controle, desenvoltura e perseverança) e sete itens de aceitação de si mesmo e da vida (adaptabilidade, equilíbrio, flexibilidade e perspectiva de vida equilibrada).</p>
2	<p>e. Eu posso estar por minha conta se eu precisar. g. Eu costumo aceitar as coisas sem muita preocupação. i. Eu sinto que posso lidar com várias coisas ao mesmo tempo. k. Eu raramente penso sobre o objetivo das coisas. m. Eu posso enfrentar tempos difíceis porque já experimentei dificuldades antes. v. Eu não insisto em coisas as quais eu não posso fazer nada sobre elas.</p>	<p>Quatro itens de Aceitação de si mesmo e da vida (adaptabilidade, equilíbrio, flexibilidade e perspectiva de vida equilibrada) e dois itens de Competência pessoal (autoconfiança, independência, determinação, invencibilidade, controle, desenvoltura e perseverança).</p>
3	<p>c. Eu sou capaz de depender de mim mais do que qualquer outra pessoa. d. Manter interesse nas coisas é importante para mim. o. Eu mantenho interesse nas coisas. q. Minha crença em mim mesmo me leva a atravessar tempos difíceis. t. Às vezes eu me obrigo a fazer coisas querendo ou não.</p>	<p>Cinco itens de Competência pessoal (autoconfiança, independência, determinação, invencibilidade, controle, desenvoltura e perseverança).</p>

Adaptado pela autora (2018). Fonte: PESCE *et al.*, 2005. Adaptação transcultural, confiabilidade e validade da escala de resiliência. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.21, n.2, p.436-448, mar-abr, 2005

Com vistas a compreender melhor os itens que compõem a Escala de

Aplicabilidade e Resiliência, Assis *et al.* (2006) apresentam um estudo detalhado sobre aferição da mesma, onde discutem as questões relativas a:

- a) **resolução de ações:** leva os planos até o fim; lida com os problemas de alguma forma; aceita os fatos sem muita preocupação; é disciplinado; raramente pensa sobre os objetivos das coisas; faz as coisas um dia de cada vez; é uma pessoa com quem se pode contar em uma emergência; geralmente encara uma situação de diversas maneiras; normalmente encontra uma saída quando está em uma situação difícil; tem energia o suficiente para fazer o que deve ser feito;
- b) **valores:** sente orgulho de ter realizado metas em sua vida; é amigo de si mesmo; frequentemente encontra motivos para rir; sua vida tem sentido;
- c) **independência e determinação:** mantém interesse pelas coisas; se necessário, pode estar por sua própria conta; sente-se bem ainda que haja pessoas que não gostam dele; é determinado;
- d) **autoconfiança e capacidade de adaptação:** é capaz de depender de si mais do que de qualquer pessoa; sente que pode lidar com várias situações ao mesmo tempo; pode enfrentar tempos difíceis porque já enfrentou dificuldades antes; crê em si mesmo a ponto de se sentir apto a atravessar tempos difíceis; às vezes se obriga a fazer algo querendo ou não; não insiste em situações sobre as quais não pode fazer nada.

Em relação ao Questionário de Perfil Demográfico, APÊNDICE A, foi possível levantar informações pertinentes sobre os atletas pesquisados. Para isso, tal questionário contou com questões relativas à idade, sexo, espiritualidade, estado civil, nível de escolaridade, profissão além do esporte, tempo de prática no esporte, tipo de patologia, medalhista ou não dos Jogos Paralímpicos do Rio 2016, além conhecer as modalidades esportivas dos atletas e sua classificação funcional.

Considerado a soma total de respostas da Escala de Aplicabilidade e Resiliência e o ponto de corte para a resiliência, conforme definido na literatura, foram realizadas análises individuais relativas aos três fatores da escala. Esses fatores compreendem aspectos de competência pessoal, aceitação de si e aceitação da vida, conforme descritos no Quadro 15, o qual tem como objetivo identificar aspectos relevantes das respostas dos atletas, segundo os grupos de: sexo, patologia, espiritualidade, resilientes e não resilientes, escolaridade, estado civil, medalhistas e não medalhistas.

3.4 Procedimento Metodológico

Por fazer parte do Laboratório de Pesquisas e Estudos em Psicologia do Esporte (LEPESPE) e ter estudado sobre a resiliência em contexto social, houve o interesse em compreender como o processo de resiliência enquanto fenômeno se manifesta no contexto esportivo. Nesse sentido, foram realizadas pesquisas e aprofundados estudos nas mais diversas áreas de atuação, social, escolar, trabalho, ciências físicas, humanas, saúde e na Psicologia do Esporte, que tratam da resiliência.

Nesse contexto, considerando as dificuldades vivenciadas pelos atletas paralímpicos, decidiu-se delinear um Projeto de Pesquisa com o objetivo de investigar mais detalhadamente o esporte paralímpico de alto rendimento.

Após o ingresso ao Programa de Pós-Graduação de Desenvolvimento Humanos e Tecnologias (DEHUTE), o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa, da Instituição, tendo obtido aprovação do Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/12, sob o protocolo CAAE, 55220916.9.0000.5465 e aprovado com o Parecer nº 1.999.458, APÊNDICE B.

A etapa seguinte foi estudar sobre Educação Física Adaptada. Nessa linha surgiu a oportunidade de participar do PROEFA (Programa de Educação Física Adaptada), da Unesp/campus Rio Claro, no qual fomos carinhosamente recebidos pela Profa. Dra. Eliane Mauerberg-DeCastro e seus alunos queridos e acolhedores. O objetivo em ingressar ao PROEFA foi compreender melhor a importância da educação postural, assim como aptidão física, reeducação motora e aprender formas de trabalhar e lidar com pessoas com deficiência, com os mais diversos graus de severidade, sejam físicas, intelectuais ou sensoriais. Pode-se dizer que foi um verdadeiro divisor de águas nessa etapa de pesquisa.

A partir de meados do ano de 2016, iniciou-se a espera da convocação dos atletas para a seletiva dos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro. Após a lista oficial de convocação dos atletas, disponível no site da Confederação Paralímpica Brasileira (CPB), iniciou-se a busca por atletas paralímpicos de esportes individuais.

Tendo em vista a adequação da Escala de Aplicabilidade e Resiliência, conforme Pesce *et al.* (2005) e Assis *et al.* (2006), para medir níveis de adaptação psicossocial positiva em meio a situação de vulnerabilidade social em adolescentes e jovens, decidiu-se utilizá-la no contexto esportivo nas modalidades individuais. Nesse sentido, julgamos estar mais próximos da escala que foi originalmente desenvolvida para indivíduos adultos

por Wagnild e Young (1993).

Em paralelo aos Jogos Paralímpicos, realizou-se o processo de adaptação do questionário ao ambiente virtual do *Google Drive*®, a partir do qual foi possível realizar o estudo piloto. Segundo apontamentos de Mackey e Gass (2005), o estudo piloto possibilita, ao pesquisador, alterar e melhorar o instrumento na fase que antecede à investigação, testando, avaliando e aprimorando o instrumento e os procedimentos de pesquisa.

Esta etapa contou com a participação de dois atletas universitários e um atleta deficiente visual, com o objetivo de verificar a adequação do instrumento para a população pesquisada e ao uso do *Facebook*® como ferramenta de coleta de dados. Finalizada essa etapa, dois meses após o fim dos jogos, iniciou-se o contato com atletas por meio *Messenger*® do *Facebook*®. Após a explicação sobre o objetivo da pesquisa e os atletas aceitarem participar da pesquisa de caráter voluntário, os atletas foram convidados a assinar o TCLE. Os questionários foram enviados aos atletas via *Messenger*® do *Facebook*® e também pelo e-mail pessoal. À medida que os questionários foram respondidos, estes eram computados e armazenados por meio do *Google Drive*® e posteriormente submetidos ao tratamento estatístico.

O uso da tecnologia possibilitou avanços em relação à pesquisa, sendo uma importante aliada para o tratamento dos dados. As respostas dos participantes foram mais rápidas, assim como os aceites ou não, em participar da pesquisa.

Ferramentas como *Messenger*® e *Facebook*® promoveram melhor interação entre pesquisadores e participantes, por meio das quais foi possível esclarecer os objetivos da pesquisa, excluindo, assim, o “sentimento” de ser apenas um contato virtual, além de possibilitar a participação de atletas das mais variadas modalidades esportivas dos esportes individuais paralímpicos e também de atletas do Brasil todo.

Em relação às respostas dos questionários, foram respondidos sem interferência externa dos pesquisadores, possibilitando respostas mais fidedignas quanto ao estado do atleta no momento em que respondeu cada um dos instrumentos. Os dados do Perfil Demográfico foram tabulados e apresentados na forma de gráficos, quadros e tabelas. Esse procedimento permitiu agrupar os atletas por sexo, nível de escolaridade, medalhistas e não medalhistas, religião e não religião, estado civil, tipo de patologia e modalidades esportivas.

Para o estudo da resiliência no contexto esportivo foi usada a Escala de Resiliência e Aplicabilidade, tipo *likert*, atribuindo valores aos indivíduos. Tendo em

vista o referencial teórico utilizado, julgamos de suma importância incluir três fatores obtidos a partir de um detalhamento da escala, como exemplificado no Quadro 15. Quanto aos escores totais obtidos em cada um dos itens que compõem a Escala de Aplicabilidade e Resiliência, foram analisadas as possíveis diferenças entre as categorias de cada um dos grupos.

Sendo que os grupos se referem ao tipo de patologia, sexo, estado civil, nível de escolaridade, resiliência, religião e o fato de serem medalhistas, que compreendem respectivamente as seguintes categorias: congênitas e adquiridas, homens e mulheres, solteiros e casados, ensino médio e superior, mais resiliente e menos resiliente, medalhistas e não medalhistas, com religião e sem religião. O objetivo foi o de analisar os aspectos que diferenciam cada um desses grupos em relação à resiliência.

Nesse sentido, e considerando os objetivos deste trabalho, buscamos compreender a resiliência partir de uma perspectiva individual, considerando características de pertencimento, autoconfiança, autonomia, esperança, adaptação positiva, dentre outras particularidades que envolvem a natureza do fenômeno.

Nesse percurso, o uso da tecnologia foi, como dito, de fundamental importância para o desenvolvimento da pesquisa, possibilitando a interação do conhecimento científico mediado pela objetividade e pragmatismo da tecnologia.

3.5 Análise de Dados

Neste item, de acordo com a Metodologia adotada nessa pesquisa e descrita anteriormente, apresentamos os procedimentos utilizados na análise dos dados.

Inicialmente, para o tratamento dos dados foi utilizado o programa Excel para Windows® e as análises estatísticas foram realizadas por meio do *software* estatístico SPSS 24.0.

Com os dados do Perfil Demográfico, foram construídos quadros, os quais possibilitaram agrupar os atletas segundo o sexo, nível de escolaridade, medalhistas, religião, estado civil, tipo de patologia e modalidade esportiva.

Em relação à Escala de Aplicabilidade e Resiliência, como já apontado no item 3.3 Material, trata-se de uma escala com 25 itens tipo *likert*, onde as respostas variam de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente), apresentando, assim, uma soma total de escores igual a 175, que corresponde ao mais alto nível de resiliência.

Com os resultados obtidos por meio dessa escala foi possível verificar o nível de resiliência individual dos atletas. A partir disso, obteve-se o ponto de corte, que corresponde à diferença entre a média e o desvio padrão, conforme estudos de Assis *et al.* (2006), para, assim, categorizar os atletas em mais e menos resilientes.

Na sequência, ainda com os resultados da Escala de Aplicabilidade e Resiliência, foram também construídas tabelas, quadros e gráficos, e, em especial, verificou-se a frequência acumulada percentual de cada um dos itens da escala, além de ter sido calculado o teste não paramétrico U de Mann-Whitney para comparar as categorias de cada um dos grupos que compõem o estudo.

Assim, o teste U de Mann-Whitney foi aplicado para comparar grupos independentes e, nesse caso, considerado o nível de significância, 0,05. Esse teste é também conhecido por teste da soma dos postos de Wilcoxon e é utilizado com o objetivo de comparar amostras de dados não pareados. O teste U de Mann-Whitney se constitui em um teste não paramétrico, confiável e amplamente usado como alternativa do teste paramétrico t (SIEGEL, 1975).

Para avaliar a confiabilidade do instrumento, foi utilizado o coeficiente Alfa de Cronbach como indicativo da consistência interna da Escala de Aplicabilidade e Resiliência. De acordo com estudo realizado por Peterson (1994), um valor de Alfa acima de 0,70 permite concluir que o instrumento de medida utilizado é preciso e confiável no contexto estudado. O mesmo foi realizado considerando inicialmente a soma total dos itens da escala e, posteriormente, em relação aos itens dos três fatores medidos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo, buscou-se apresentar, discutir e analisar o comportamento dos atletas a partir das respostas obtidas no Questionário de Perfil Demográfico e na Escala de Aplicabilidade e Resiliência.

Para verificação da confiabilidade da Escala de Resiliência e Aplicabilidade, considerando todo os itens, foi utilizado o coeficiente Alfa de Cronbach, o qual apresentou correlação de 0,76. Nesse sentido, vale ressaltar que esse resultado permitiu apoiar a hipótese de uma consistência interna, corroborando com estudos realizados por Maroco e Marques (2006), que deixam claro a importância do índice de Cronbach como uma estimativa eficaz para a investigação da confiabilidade de uma medida. Além disso, tal afirmação também vem ao encontro dos estudos realizados por Peterson (1994), quando afirma que o coeficiente Alfa de Cronbach corresponde ao método estatístico mais usado para medir a consistência interna de um questionário e tem como vantagem poder ser calculado mesmo quando o questionário é aplicado uma única vez.



Os escores obtidos a partir da aplicação da escala variaram entre 115 e 165 pontos, apresentando escore médio de 144. Para categorizar os indivíduos em mais e menos resilientes, foi calculado, segundo Assis *et al.* (2006), o ponto de corte definido como média aritmética dos escores individuais menos um desvio padrão. Assim, no presente estudo o ponto de corte foi de 132.

Para a análise descritiva dos dados obtidos, além das tabelas, quadros e gráficos, foram calculadas as estatísticas básicas e, para comparação dos grupos foi utilizado o teste não paramétrico U de Mann-Whitney (SIEGEL, 1975). Os resultados serão apresentados, discutidos e articulados ao referencial teórico no item subsequente.

4.1 Questionário de Perfil Demográfico

Os Quadros 16, 17, 18 e 19 apresentam informações relevantes sobre a caracterização da amostra, permitindo, assim, aos pesquisadores, uma visão abrangente dos atletas, bem como suas especificidades nas modalidades esportivas: atletismo, tênis de mesa, tênis de quadra, tênis de cadeira de rodas, halterofilismo, vela, natação, bocha, tiro com arco, judô, esgrima em cadeira de rodas e hipismo.

Quadro 16 - Perfil Demográfico dos entrevistados distribuídos por sexo, nível de escolaridade, profissão, estado civil, religião, tempo de prática no esporte, medalhistas e não medalhistas nos Jogos Paralímpicos do Rio 2016.

Sexo	Nível de Escolaridade		Profissão	Estado Civil		Religião S= Sim N=Não		Tempo da Prática no Esporte				Medalhistas Paralímpicos RJ - 2016
	F/M	Superior		Ensino Médio Completo	Além do esporte	Casado(a)	Solteiro(a)	S	N	2 a 5 anos	5 a 10 anos	
	8	11	9	6	13	13	6	0	6	6	7	11
	18	16	20	15	19	17	17	1	5	14	14	16

Fonte: Elaborado pela autora (2017). Legenda:  feminino  masculino

Os dados obtidos a partir do questionário evidenciam a participação de 64% de homens e 36% de mulheres no estudo. Dentro dessa amostra, podemos destacar que 49% do total de atletas possui Ensino Superior e 54% possui outra profissão além do esporte.

Durante o levantamento dos dados, foi possível constatar particularidades em relação ao esporte paralímpico, como a busca dos atletas pelo ensino superior. Isto pode ser compreendido como auto realização e também como possibilidade de ter uma outra carreira profissional que possa garantir, ao atleta, uma permanência em atividade mesmo após encerrada sua atuação no esporte paralímpico.

Por outro lado, no que se refere ao tempo de prática no esporte, 40% dos atletas responderam praticar esporte há mais de 15 anos. Diante dessa constância, De-Castro (2011) considera que o tempo de prática no esporte pode auxiliar no processo de reabilitação da pessoa com deficiência, levando a um melhor desenvolvimento de seu quadro de restrição física.

O esporte, segundo a autora, permite, ao indivíduo, descobrir que pode ir além da sua deficiência e também propicia uma melhor integração social com seus pares e outras pessoas com o mesmo nível de deficiência (DE-CASTRO, 2011, 2016). É importante destacar, ainda, uma característica pertinente ao esporte paralímpico, que é a participação de atletas com mais de 30 anos de idade competindo em alto rendimento. O tempo de prática e a maturidade podem desencadear um processo positivo na vida dos atletas, possibilitando uma visão positiva de si, além da diminuição de sua preocupação em relação à vulnerabilidade associada à deficiência, favorecendo o desenvolvimento de seu processo adaptativo (DE-CASTRO, 2011, 2016).

Outro fator destacado nesta pesquisa se refere à religião, sendo que 57% dos atletas afirmaram ter alguma crença religiosa e 43% responderam não ter. É importante

destacar, nesse aspecto, que os resultados ligados à religião não nos permite afirmar que estejam voltados exclusivamente à fé, pois a pergunta do questionário era relativa ao fato de ter ou não uma religião. Segundo pesquisas de Fletcher e Sarkar (2012) e Assis *et al.* (2006), a confiança no Divino implica em encontrar forças para transformar as intempéries, de forma a não sucumbir frente às adversidades. Nesse sentido, atletas que responderam não ter religião podem apresentar crenças em algo maior, ligado à espiritualidade e não propriamente à religião.

Em relação ao grupo dos medalhistas, observamos, ainda, que praticamente 51% dos atletas participantes neste estudo se declararam medalhistas nos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro, em 2016. De acordo com o site UOL Esportes (2016) e Globo Esporte (2016), o Brasil obteve 72 medalhas, conquistando o oitavo lugar nas competições.

As modalidades compreendidas no presente estudo foram as que apresentaram maior nível de competitividade nos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro em 2016. Assim, o atletismo conquistou 33 medalhas, ocupando o 5º lugar geral na classificação. A natação conquistou 19 medalhas e ocupou o 9º lugar. O judô conquistou 4 medalhas e ocupou o 10º lugar. O tênis de mesa conquistou quatro medalhas e o 15º lugar, e o halterofilismo uma medalha e o 13º lugar. Nas modalidades com menos atletas participantes, o Bocha conquistou o 3º lugar e o Hipismo, o 8º lugar, ambos conquistaram duas medalhas paralímpicas em cada modalidade.

Ainda em relação ao Perfil Demográfico, os Quadros 17 e 18, a seguir, apresentam a distribuição dos sexos nas diferentes modalidades esportivas, assim como o tipo de patologia em cada um dos grupos. Para melhor visualização dos resultados referentes às modalidades esportivas, sexo e patologias foram construídos dois Quadros: no primeiro são apresentadas as modalidades esportivas por sexo e, no o segundo, segue-se a mesma lógica, as mesmas modalidades por sexo, mas considerando também o tipo de patologia. As análises desses grupos em relação ao fator resiliência serão apresentados no Quadro 19.

Diante do contexto referente aos resultados obtidos a partir do Perfil Demográfico, o Quadro 17 deixa claro que o atletismo, o tênis de mesa, o halterofilismo, a natação e o judô foram as modalidades que mais se destacaram na presente pesquisa em relação ao número de participantes.

Quadro 17 - Perfil Demográfico dos entrevistados distribuídos por modalidade esportiva e sexo.

Modalidade Esportiva	Mulheres	Homens		
	♀	♂	<i>TOTAL</i>	<i>%</i>
Atletismo	6	11	17	32,1
Tênis de Mesa	2	5	7	13,2
Tênis de Quadra	0	2	2	3,8
Tênis CR	0	1	1	1,9
Halterofilismo	3	2	5	9,4
Vela	0	1	1	1,9
Natação	3	6	9	17,0
Bocha	0	1	1	1,9
Tiro com Arco	1	1	2	3,8
Judô	3	2	5	9,4
Esgrima CR	1	1	2	3,8
Hipismo	0	1	1	1,9
<i>TOTAL</i>	19	34	53	100

Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Legenda:

♂ masculino

♀ feminino

Podemos ressaltar que dentre essas modalidades, no atletismo houve participação de 35,3% de mulheres e de 64,7% de homens; no tênis de mesa, 28,6% de mulheres e 71,4% de homens; no halterofilismo, 60% de mulheres e 40% de homens; na natação, 33,3% de mulheres e 66,7% de homens; e o judô, 60% de mulheres e 40% de homens

Uma possível explicação para esse fato seria que dentre essas modalidades, por exemplo, como a natação e o judô, segundo Dailo (1996), Guedes (1999), Da-Costa e Souza (2004), Darido (2005) e CPB (2018), são as mais procuradas pelos pais no processo de reabilitação de seus filhos por se tratar de modalidades esportivas mais populares. Isto possivelmente reflete em maior afinidade dos atletas com estas modalidades quando envolvido no esporte paralímpico.

Nessa linha, podemos destacar ainda que uma característica importante do esporte paralímpico seria de facilitar a inclusão de crianças e adolescentes com deficiência no cenário das atividades esportivas, pois o envolvimento nessas modalidades, além de poder ser visto como um canal de socialização dessas crianças entre

seus pares, também poderia resultar, mais tarde, em uma adesão ao esporte de competição.

Outro aspecto do processo de análise dos dados do Perfil Demográfico que merece destaque refere-se ao detalhamento das modalidades esportivas em relação ao sexo, considerando também os tipos de patologias, o qual está delineado no Quadro 18.

Quadro 18 - Perfil Demográfico dos entrevistados distribuídos por modalidade esportiva, sexo e tipo de patologia.

Modalidade Esportiva	Tipo de Patologia			
	Congênita		Adquirida	
	♂	♀	♂	♀
Atletismo	5	1	6	5
Tênis de Mesa	2	0	5	0
Tênis de Quadra	0	0	1	1
Tênis CR	0	0	0	1
Halterofilismo	3	0	2	0
Vela	0	0	0	1
Natação	3	0	3	3
Bocha	0	0	1	0
Tiro com Arco	1	0	1	0
Judô	2	1	1	1
Esgrima	1	0	0	1
Hipismo	0	0	1	0
TOTAL	17	2	21	13

Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Legenda: ♂ masculino ♀ feminino

Esse Quadro evidencia que, segundo o tipo de patologia, dentre as 19 mulheres, 89,5% apresentaram tipo de patologia congênita e apenas 10,5% patologia do tipo adquirida. Por outro lado, dentre os 34 homens, 62% apresentaram patologia do tipo congênita e 38%, patologia do tipo adquirida.

Por outro lado, o olhar desses dados por modalidade esportiva mostra que o atletismo obteve maior participação, contando com 17 atletas. Nessa modalidade, houve participação de 35,3% de mulheres e 64,7% de homens. Dentre as mulheres, 83,3% apresentaram patologia congênita e 16,7%, patologia adquirida. Nessa mesma modalidade, 54,5% dos homens apresentaram patologia congênita e 45,5%, patologia adquirida.

O tênis de mesa contou com a participação de sete atletas, sendo 28,6% de mulheres e 71,4% de homens. Nessa modalidade, as duas mulheres e os cinco homens apresentaram patologia do tipo congênita. Não houve participação de mulheres e homens com patologia do tipo adquirida.

O halterofilismo contou com a participação de cinco atletas, dos quais 60% eram mulheres e 40% eram homens, todos apresentaram patologia do tipo congênita. Nessa modalidade não houve participação de atletas com patologia do tipo adquirida. A vela contou com a participação de apenas um homem com patologia do tipo congênita.

A natação contou com a participação de nove dos atletas, dos quais 33,3% eram mulheres e 66,7%, homens. Dentre as mulheres, todas apresentaram patologia do tipo congênita. Dentre os homens, a metade apresentou patologia do tipo congênita e a outra metade, patologia adquirida. Nessa modalidade não houve participação de mulheres com patologia do tipo adquirida.

A modalidade do judô contou com a participação de cinco atletas, dentre os quais 60% eram mulheres e 40%, homens. Quanto às mulheres, 67% apresentam patologia congênita e 33%, patologia adquirida. Entre os homens, 50% apresentaram patologia congênita e 50%, patologia adquirida.

Na sequência, os dados serão apresentados, destacando os grupos correspondentes às modalidades esportivas, sexo e tipo de patologia, classificados em mais e menos resilientes, segundo a Escala de Aplicabilidade e Resiliência.

4.2. Comparação da resiliência em relação às modalidades esportivas, sexo e tipo de patologia.

A fim de verificar a resiliência segundo a Escala de Aplicabilidade e Resiliência (ASSIS, *et al.*, 2006), considerou-se fundamental uma apresentação, Quadro 19, relativa ao número de atletas paralímpicos categorizados como mais e menos resilientes em cada uma das modalidades esportivas (atletismo, tênis de mesa, tênis de quadra, tênis de cadeira de rodas, halterofilismo, vela, natação, bocha, tiro com arco, judô, esgrima cadeira de rodas e hipismo), bem como em relação às categorias de sexo (feminino e masculino) e dos tipos de patologia (congênita e adquirida) compreendidas no presente estudo.

Quadro 19 - Resiliência em atletas paralímpicos segundo modalidade esportiva, sexo e tipo de patologia.

		Sexo				
		♀		♂		
		Tipo de Patologia				
Modalidade Esportiva	RESILIÊNCIA	Congênita	Adquirida	Congênita	Adquirida	Total
Atletismo	+	5	0	5	4	14
	-	0	1	1	1	3
Tênis de Mesa	+	2	0	2	0	4
	-	0	0	3	0	3
Tênis de Quadra	+	0	0	1	1	2
	-	0	0	0	0	0
Tênis CR	+	0	0	0	1	1
	-	0	0	0	0	0
Halterofilismo	+	3	0	2	0	5
	-	0	0	0	0	0
Vela	+	0	0	0	1	1
	-	0	0	0	0	0
Natação	+	1	0	3	1	5
	-	2	0	0	2	4
Bocha	+	0	0	1	0	1
	-	0	0	0	0	0
Tiro com Arco	+	1	0	1	0	2
	-	0	0	0	0	0
Judô	+	2	1	1	1	5
	-	0	0	0	0	0
Esgrima	+	1	0	0	1	2
	-	0	0	0	0	0
Hipismo	+	0	0	1	0	1
	-	0	0	0	0	0
TOTAL		17	2	21	13	53

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Legenda: ♀ feminino ♂ masculino

O Quadro 19 acima permite destacar que, em relação a resiliência, de modo geral, tanto na categoria de patologia do tipo congênita como na categoria de patologia do tipo adquirida, a maioria dos atletas apresentaram características mais resilientes, 84% e 73%, respectivamente. Considerando o grupo de sexo, apresentaram características

mais resilientes 84% das mulheres e dentre os homens, 74% são mais resilientes. É importante ressaltar que, tanto em relação ao grupo de patologia quanto ao grupo que se refere ao sexo dos atletas, essa tendência se mantém em todas as modalidades esportivas, assim como naquelas mais expressivas que compreendem o estudo, como: atletismo, tênis de mesa, halterofilismo, natação e judô.

Isso pode significar que, tanto no grupo de patologia como no de sexo, embora tenhamos uma distribuição desigual de atletas em cada uma das modalidades esportivas, os dados sugerem que os atletas almejam, por meio do esporte, ir além de suas limitações físicas, intelectuais e/ou sensoriais, buscando ressignificar sua história de vida a partir do esporte, características pertinentes a comportamentos resilientes.

Um outro aspecto, conforme descrito anteriormente, referiu-se à verificação da confiabilidade do instrumento de medida utilizado, considerando as respostas dos atletas em todos os itens que compõem a Escala de Aplicabilidade e Resiliência. Por conseguinte, a análise da consistência interna resultou em um coeficiente Alfa de Cronbach de 0,76, mostrando que se trata de uma escala consistente e que mediu aquilo que se pretendia avaliar.

Considerando estudos realizados por Assis *et al.* (2006), que propõem a divisão da Escala em três fatores na sequência, verificou-se a consistência interna de cada um desses fatores.

4.3 Análise descritiva e de confiabilidade dos fatores.

Com base nos fundamentos teóricos que sustentam o presente estudo, julgou-se relevante considerar a média aritmética dos escores (144,06), o desvio padrão (11,99) da Escala da Aplicabilidade e Resiliência, bem como a consistência interna (0,76) desse instrumento de medida. Ressaltamos ainda que essa Escala apresenta valores entre 25 e 175 pontos (escores), contudo, no presente estudo, os resultados variaram de 115 a 165 pontos.

Na sequência, essa análise é aplicada a cada um dos três fatores que compõem a Escala e que correspondem, por sua vez, aos aspectos voltados à competência pessoal, à aceitação de si e à aceitação da vida.

Tabela 1 – Estatísticas descritivas relativas aos fatores que compõem a Escala de Aplicabilidade e Resiliência

Fatores	Nº de questões	Média aritmética das somas das respostas	Desvio Padrão	Alfa de Cronbach
1	14	86,66	6,96	0,74
2	6	28,57	5,04	0,53
3	5	29,25	3,25	0,24

Fonte: Elaborado pela autora (2017).

A Tabela 1 acima apresenta as estatísticas descritivas (número de questões, média e desvio padrão) das respostas dos atletas em cada um dos fatores considerados no estudo, bem como a consistência interna de cada um desses fatores. Essa abordagem da Escala foi fundamentada nos estudos realizados por Pesce et al. (2005), os quais apontam a relevância desses fatores em termos das ações que levam o indivíduo a lidar positivamente com as adversidades.

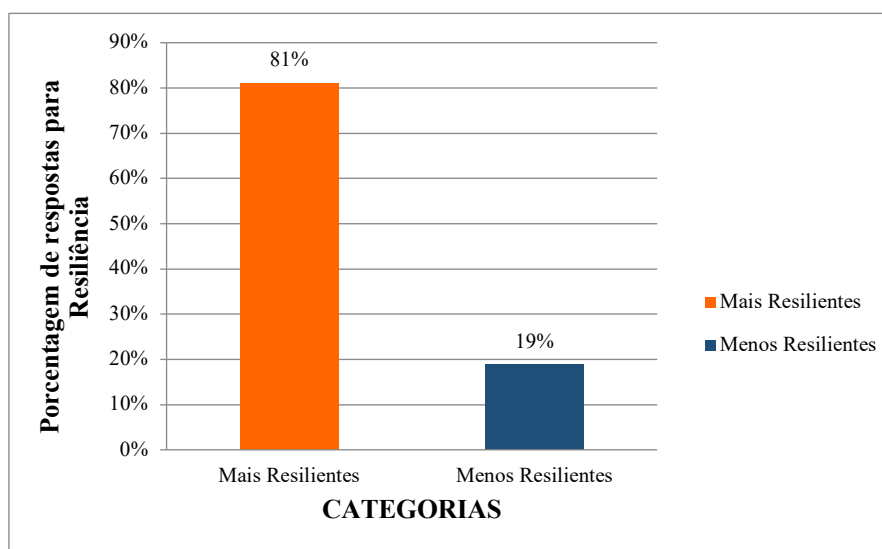
As diferenças observadas entre os coeficientes Alfa de Cronbach, segundo Peterson (1994), Maroco e Marques (2006), entre outros, são devidas ao número de itens da Escala que compõem cada um dos fatores. Esses estudos evidenciam que, quanto maior o número de itens da Escala, maior será o valor do Alfa de Cronbach, não caracterizando um instrumento de medida como menos ou mais confiável, o que pode sugerir redundância de interpretação. Para os autores, o que irá caracterizar uma Escala como confiável, ou não, são as correlações de todos os itens que a compreendem como um todo.

Por conseguinte, na sequência, o estudo irá apresentar um detalhamento do comportamento dos atletas em relação a resiliência.

4.4 Classificação de Atletas Mais Resilientes e Menos Resilientes

A presente seção se presta a apresentar as respostas dos atletas a partir da Escala de Aplicabilidade e Resiliência, cujos fundamentos teóricos foram apresentados ao longo desse estudo, conforme a Figura 2.

Figura 2 - Respostas dos atletas na Escala de Aplicabilidade e Resiliência.



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

A Figura 2 representa os aspectos que se configuram como fundamentais para a compreensão deste estudo. Baseado na Escala de Resiliência e Aplicabilidade, buscou-se analisar atletas mais e menos resilientes. Nota-se que 81% dos atletas foram considerados mais resilientes e 19%, menos resilientes. O cálculo foi obtido a partir da média aritmética das respostas e o ponto de corte estabelecido foi um desvio-padrão abaixo da média aritmética.

A Escala de Aplicabilidade e Resiliência possui 25 itens descritos de forma positiva com resposta tipo *likert*, variando de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente). Os escores da escala variam de 25 a 175 pontos, indicando o nível de maior resiliência. A média aritmética da soma das respostas, obtidas a partir da Escala de Aplicabilidade e Resiliência, foi de 144,06 e o desvio padrão foi de 11,99. O ponto de corte utilizado, média aritmética menos o desvio padrão, definiu como atletas menos resilientes aqueles com escores abaixo de 132 pontos (19% dos atletas) e como mais resilientes aqueles com escores acima de 132 pontos (81% dos atletas).

Em vista dos dados coletados, observa-se que a resiliência se apresenta como fator importante no esporte paralímpico de alto rendimento. Nos estudos de Assis *et al.* (2006), o resultado foi de 136, com a participação de 1.046 adolescentes.

A resiliência, segundo os autores, incide na capacidade humana em enfrentar situações difíceis e sair fortalecidos, encontrando alternativas para superar as intempéries, enfrentando as situações de forma otimista, aprendendo com as situações difíceis, insistindo menos em situações pelos quais não podem ser mudadas (ASSIS, *et al.*, 2006).

Situações como as possibilitadas pelo esporte, segundo Fletcher e Sarkar (2012), podem refletir em comportamentos positivos relacionados à persistência, em que atletas passam a direcionar suas metas de forma mais otimista.

Indivíduos menos resilientes, apontam Assis *et al.* (2006), podem apresentar dificuldades em elaborar e atribuir sentido positivo frente às adversidades e, na maioria das vezes, apresentam percepções distorcidas sobre si e sobre outro, revelando sentimentos de inadequação e pessimismo.

Estudos de Deci e Ryan (2000) apontam que sentimentos relacionados a fracassos podem levar à desmotivação do indivíduo. Quando o mesmo não consegue perceber a coerência de seu comportamento e do mundo exterior, sua participação em determinadas atividades pode levá-lo a não acreditar em benefícios para si e, dessa forma, passa a não identificar motivos para realizá-las.

Desse modo, as emoções que ocorrem no esporte podem levar a comportamentos de falta de esperança e baixas expectativas em relação à capacidade do atleta em conquistar algo, podendo refletir negativamente nos treinamentos e, conseqüentemente, em seus resultados nas competições (FLETCHER; SARKAR, 2012). Estudos realizados por Pelletier *et al.* (1993) enfatizam que atletas que apresentam tal comportamento não conseguem identificar razões para prosseguir no esporte. Em situações de extrema apatia, podem desistir da prática esportiva.

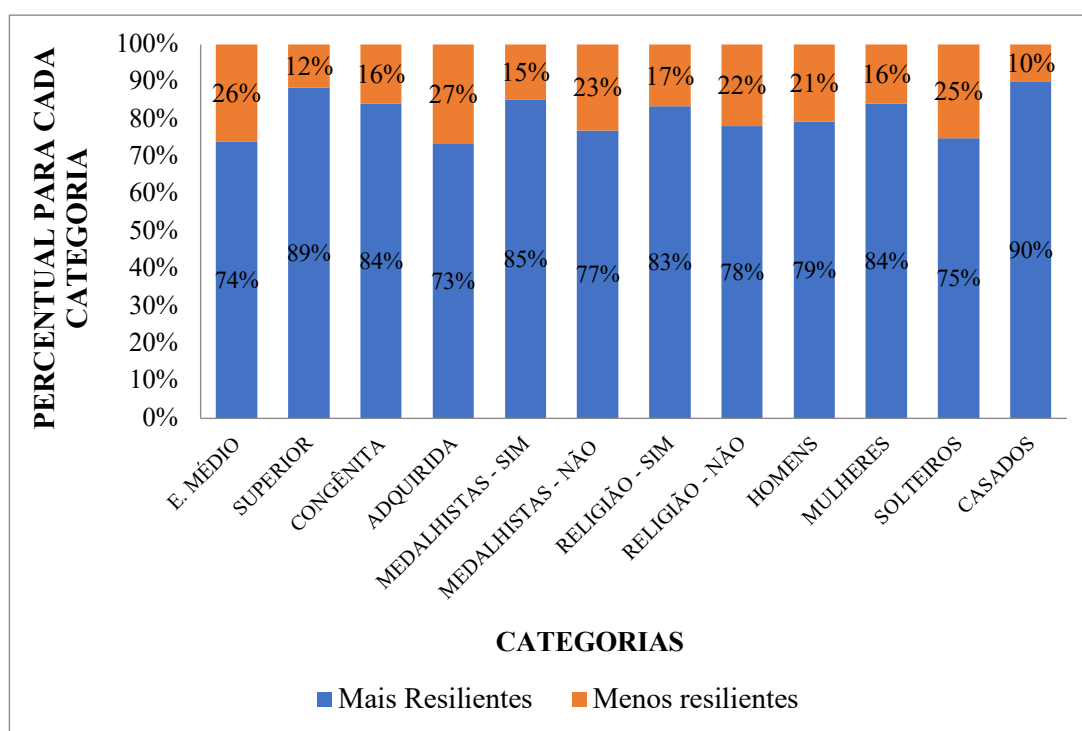
Nesse sentido, podemos considerar a importância da resiliência no esporte para que atletas continuem persistindo, e mesmo em meio às adversidades, encontrem meios para adaptar-se às diferentes situações, caminhando, assim, para o processo de ressignificação de sua história de vida.

Para melhor compreensão do processo de ressignificação a partir da resiliência, na Seção 4.3, Figura 3, buscou-se verificar outros dados da Escala que pudessem ser agregados ao estudo.

4.5 Comparação entre as categorias de cada um dos grupos em relação à resiliência.

Considerando a questão de investigação e os objetivos propostos neste trabalho, a Figura 3 apresenta o comportamento dos grupos de: congênitas e adquiridas, mulheres e homens, solteiros e casados, ensino médio e superior, mais resiliente e menos resiliente, medalhistas e não medalhistas, com religião e sem religião, que foram considerados no estudo; relacionando-os às respostas dos atletas na Escala de Aplicabilidade e Resiliência.

Figura 3 – Gráfico cumulativo em porcentagem das categorias de cada um dos grupos em relação à resiliência.



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

A Figura 3 aponta que, embora tenhamos diversos grupos de atletas, percebe-se que, de forma geral, eles permanecem relativamente estáveis em relação aos mais resilientes e aos menos resilientes, confirmando os dados apresentados na Figura 2.

Nesse contexto, destacamos que os grupos relativos ao nível de escolaridade superior, medalhistas e casados tiveram uma participação expressiva de atletas com mais de 30 anos de idade. A maturidade, nesses casos, talvez seja um fator determinante para que atletas com maior nível de experiência tenham maior controle de suas ações, adaptando-se melhor frente aos estressores.

Em situações que demandam tais controles, o conhecimento de suas próprias ações e habilidades pode auxiliar os atletas a traçar estratégias de maior eficácia, permitindo que eles compitam e conquistem os seus objetivos.

Nessa linha, segundo Fletcher e Sarkar (2012), o autoconhecimento pode também levar os atletas a aceitar situações com menos preocupação. A quase ausência de preocupação, nesses casos, não exime o atleta a não pensar sobre as situações vividas ou manter-se aquém dos acontecimentos, refere-se apenas a afastar desses problemas momentaneamente.

No que se refere ao tipo de patologia congênita, obtivemos 84% da amostra com características mais resilientes. Este resultado pode sugerir que esses atletas tenham uma melhor adaptação às adversidades devido a uma situação vivida desde o nascimento, não tendo, assim, uma outra experiência de vida. Essa adaptação à adversidade em atletas com patologia do tipo congênita contribui para a melhoria do processo de reabilitação física e, posteriormente, para seu desempenho esportivo, no qual, conseqüentemente, leva a uma revisão e avaliação de sua classificação funcional.

No tocante à religião, 83% dos atletas afirmaram ter religião. Em situações que envolve o esporte, a religiosidade pode implicar em uma maior aceitação e melhor enfrentamento das adversidades.

Ao comparar os grupos em relação ao sexo, as mulheres se mostraram mais resilientes do que os homens, pois no grupo de 19 mulheres que compõem a amostra, 84% apresentaram comportamentos mais resilientes. É importante ressaltar que este resultado vem de encontro àqueles obtidos por Pesce *et al.* (2004) e Assis *et al.* (2006) que, em uma pesquisa que contou com participação de 352 mulheres, 73,54% se apresentaram como mais resilientes.

Por outro lado, a resposta de mulheres para a resiliência pode ser explicada por meio da história de vida, mostrando sua trajetória de lutas e superação por meio do esporte, mesmo ele sendo restrito a apenas uma pequena parcela da população feminina. Segundo Gregg e Gregg (2017), no século XIX o esporte competitivo era voltado apenas para homens e algumas mulheres de classe alta, aquelas que tinham permissão do marido para praticá-lo. Nesse período, segundo as autoras, a participação das mulheres era voltada às modalidades individuais, como golfe, tênis, tiro com arco e *cróquet*.

Especialistas na época acreditavam que a atividade física intensa poderia levar as mulheres a comportamentos masculinos e também colocar em risco a saúde reprodutiva da mulher, causar ansiedade, além de outros agravos à saúde (GREGG; GREGG, 2017). A igualdade de oportunidade para ambos os sexos, segundo as autoras, ocorreu no início do século XX nos Estados Unidos e na Europa, diante da popularização dos esportes coletivos, como *softbol* e beisebol e de modalidades individuais, como a natação e atletismo.

Assim como na história, o presente estudo também conta com a participação apenas de atletas em modalidades individuais: natação, atletismo e tiro com arco. Vale ressaltar que as mulheres aparecem na história como símbolo da participação e da perseverança em prosseguir no esporte.

No Brasil, um exemplo da superação e determinação das mulheres é a nadadora Maria Lenk, que, aos dezessete anos, foi a primeira mulher sul-americana a competir em Olimpíadas, nos Jogos de Los Angeles, em 1932 (STUBBS, 2012; PRIORE; MELO, 2009). Foi um período conturbado na história brasileira, conforme apresentado anteriormente. Maria Lenk e os outros 68 atletas, segundo os autores, para garantir sua participação nos jogos, venderam sacas de café para custeio das despesas.

Pesquisas recentes, a exemplo dos estudos realizados por Pesce *et al.* (2004), Assis *et al.* (2006) e Gregg e Gregg (2017), mostram que mulheres que praticam esportes apresentam níveis mais elevados de confiança, autoestima e níveis mais baixos de depressão. Elas se mostram melhor posicionadas para continuar sua ascensão no esporte e seguir trajetórias de sucesso.

Dessa forma, compreender como a resiliência se manifesta nos grupos considerados neste estudo contribui para uma visão mais abrangente da resiliência em atletas paralímpicos.

4.6 Comparação dos grupos em relação aos resultados obtidos na Escala de Aplicabilidade e Resiliência.

Na presente seção serão apresentadas as estatísticas descritivas, a média aritmética e o desvio padrão dos escores totais obtidos pelos atletas na Escala de Aplicabilidade e Resiliência. Do mesmo modo, serão apresentados os valores de probabilidades do teste U de Mann-Whitney, os quais foram utilizados para comparar as diferentes categorias dentro de cada um dos grupos, considerando o nível de significância, 0,05.

É importante destacar que o teste U de Mann-Whitney se constitui em uma das mais poderosas provas não paramétricas para comparação de dados provenientes de dois grupos independentes quando a mensuração é realizada em uma escala ordinal ou numérica (SIEGEL, 1975).

Desse modo, cabe destacar que essas análises, tanto no âmbito descritivo como inferencial, apresentadas na Tabela 2 abaixo, foram conduzidas com o objetivo de esclarecer e dar solidez às possíveis interpretações que dizem respeito as hipóteses norteadoras consideradas na presente pesquisa.

Tabela 2 - Estatística descritiva e valores de probabilidades associadas ao Teste U de Mann-Whitney para comparação dos grupos Escala de Aplicabilidade e Resiliência

Grupos	Categorias	Média aritmética das somas das respostas	Desvio Padrão (D.P)	pU
Sexo	Homens	143,8	12,2	0,867297
	Mulheres	144,3	11,8	
Tipo de Patologia	Adquirida	140,6	13,1	0,15760
	Congênita	145,4	11,4	
Nível de Escolaridade	Ensino Superior	144,3	8,9	0,656140
	Ensino Médio	143,8	14,5	
Medalhistas	Medalhistas	141,6	12,4	0,184561
	Não medalhistas	146,3	11,3	
Religião	Religião - Sim	149,8	10,9	0,403530
	Religião - Não	142,1	13,2	
Estado Civil	Casados	146,5	9,9	0,34852
	Solteiros	142,4	13,1	
Resiliência	Mais Resilientes	148,3	8,4	0,000001
	Menos Resilientes	125,6	5,9	

Fonte: Elaborado pela autora (2017) M=média; D.P.= Desvio Padrão $p < 0,05$ pU= valor de U de Mann-Whitney

A Tabela 2 mostra as análises do desempenho de cada um dos grupos considerados no estudo, segundo resultados obtidos na Escala de Aplicabilidade e Resiliência. Conforme destacado nessa tabela em relação ao grupo de resiliência, foi encontrado diferença significativa entre as categorias mais e menos resilientes.

Em relação às categorias dos demais grupos envolvidos nessa análise, os dados não proporcionaram evidências que justifiquem a rejeição da hipótese nula ao nível de $p < 0,05$, podendo, então, ser considerado provenientes de uma mesma população.

Considerando que os fatores (competência pessoal, aceitação de si e aceitação da vida) definidos teoricamente no âmbito de construção da Escala de Aplicabilidade e Resiliência (ASSIS, *et al.*, 2006) já foram analisados, discutidos e apresentados na Tabela 1, mostrou-se importante uma visão detalhada dos resultados de todos os itens que

compõem a escala.

Nesse sentido e considerando os objetivos delineados na presente investigação, ampliou-se as análises levando-se em conta todos esses itens. Dessa forma, o Quadro 20 apresenta os resultados dos grupos em termos dos itens da escala pesquisada.

Quadro 20 - Probabilidades do Teste U de Mann-Whitney para comparação de cada um dos grupos em relação aos itens que compõem a Escala de Aplicabilidade e Resiliência.

GRUPOS							
ITENS	SEXO	TIPO DE PATOLOGIA	MEDALHISTAS	RELIGIÃO	NÍVEL DE ESCOLARIDADE	ESTADO CIVIL	RESILIÊNCIA
a	0,191953	0,236356	0,813451	0,934019	0,345219	0,908168	0,000754
b	0,920247	0,272264	0,09567	0,808629	0,090949	0,168889	0,001303
c	0,76515	0,377648	0,817238	0,569518	0,767378	0,570795	0,001162
d	0,092591	0,789151	0,842218	0,832616	0,042105	0,957302	0,469768
e	0,233334	0,492995	0,19359	0,065566	0,875449	0,630797	0,137713
f	0,905017	0,787204	0,965761	0,260284	0,165162	0,404514	0,000877
g	0,495903	0,785739	1,00000	0,927086	0,182313	0,724562	0,088372
h	0,552073	0,815581	0,748779	0,431067	0,733657	0,08387	0,00067
i	0,757823	0,406035	0,146724	0,641095	0,753314	0,379724	0,001488
j	0,939360	0,050323	0,193111	0,210804	0,559342	0,308024	0,002571
k	0,868461	0,685863	0,290956	0,917416	0,416191	0,667322	0,820522
l	0,704921	0,010776	0,912783	0,404512	0,856190	0,273385	0,609653
m	0,958149	0,884512	0,95183	0,000078	0,856190	0,563359	0,185168
n	0,150518	0,866794	0,281532	0,264939	0,691554	0,457222	0,031681
o	0,089203	0,411913	0,48895	0,796289	0,068759	0,138252	0,000727
p	0,748294	0,337699	0,261832	0,090518	0,698561	0,355713	0,008631
q	0,944669	0,315995	0,72551	0,164215	0,682559	0,392304	0,000082
r	0,426677	0,243572	0,399399	0,01533	0,56016	0,923759	0,000178
s	0,829779	0,802838	0,707684	0,150657	0,373172	0,893295	0,013162
t	0,093127	0,713076	0,109254	0,134985	0,302594	0,604866	0,204035
u	0,207582	0,131213	0,290139	0,170118	0,86996	0,303158	0,049644
v	0,462821	0,521306	0,294895	0,367227	0,120398	0,494639	0,15587
w	0,776032	0,754045	0,522219	0,036773	0,850709	0,232991	0,002647
x	0,561000	0,317829	0,914294	0,069395	0,590495	0,555191	0,000367
y	0,269563	0,624933	0,836635	0,460878	0,873404	0,262365	0,045507

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Nesse quadro, foram destacados os itens que apresentaram diferenças significativas entre suas categorias no respectivo grupo. Observa-se que essas diferenças ocorreram nos grupos de patologia, de religião e de resiliência.

Na sequência, foi construída uma tabela para o melhor detalhamento desse quadro, dando ênfase apenas aos itens onde essas diferenças foram significativas ao nível de 0,05

Tabela 3 - Probabilidade do Teste U de Mann-Whitney na comparação do grupo de patologia em relação ao item l

Item	Congênitas N= 38		Adquiridas N=15		pU
	M.	D.P.	M.	D.P.	
I. Eu faço as coisas um dia de cada vez	5,28	1,46	3,8	1,9	0,010776

Fonte: Elaborado pela autora (2018) * p<0,05 (M=média; D.P.= Desvio Padrão; pU= valor de pU de Mann-Whitney)

A Tabela 3 mostra a diferença significativa entre a patologia congênita e adquirida no item l. O item l, referente à Escala de Aplicabilidade e Resiliência, sugere, segundo de estudos de Assis *et al.* (2006), dentro de uma perspectiva de vida equilibrada, atributos de enfrentamentos de problemas e de resolução de ações, características importantes que correspondem à autonomia e ao enfrentamento de situações e indivíduos que encaram situações de diversas maneiras, mas sempre voltados a realizar uma tarefa de cada vez (ASSIS, *et al.*, 2006).

Atletas com essas características tendem ser mais cautelosos, principalmente em situações que demandam tomadas de decisão, apresentando comportamentos focados e direcionados as suas metas. Agir com cautela, em determinadas situações, pode sugerir atletas mais determinados, focados e direcionados às metas que almejam alcançar.

Tabela 4 - Probabilidade do Teste U de Mann-Whitney na comparação dos grupos Religião e Não Religião em relação aos itens m e w

Itens	Religião N=30		Não Religião N=23		pU
	M.	D.P.	M.	D.P.	
m. Eu posso enfrentar tempos difíceis porque já experimentei dificuldades	6,8	0,4	5,8	1	0,000078
w. Quando eu estou numa situação difícil, eu normalmente acho uma saída	6,3	0,74	5,65	1,15	0,036773

Fonte: Elaborado pela autora (2018). *p<0,05 (M=média; D.P.= Desvio Padrão; pU= valor de pU de Mann-Whitney)

A Tabela 4 apontou diferenças significativas nos grupos de Religião e Não Religião nos itens m e w referentes. Estudos de Assis *et al* (2006) tiveram como valor de

$p=0,0345$, em um total de 986 participantes. Os autores afirmam que a confiança na força divina pode ajudar os indivíduos a lidar com possíveis desafios e perdas.

Nesse sentido, a fé, segundo estudos de Assis *et al.* (2006) e Fletcher e Sarkar (2012), tem sido considerada como um fator importante de proteção para a saúde física e psicológica dos indivíduos. Na maioria das vezes, segundo os autores, a fé desperta a crença em si para enfrentar as adversidades, fator importante para a resiliência.

De acordo com Pesce *et al.* (2005) e Assis *et al.* (2006), a fé pode auxiliar na redução de comportamentos antissociais, regenerar a energia enfraquecida pelas adversidades, além de trazer conformismo e esperança, características que podem proporcionar, aos indivíduos, transformações ao longo de processo de desenvolvimento. Entretanto, a crença em Deus não se baseia em um atributo isolado do indivíduo. Sua compreensão, segundo Assis *et al.* (2006), apenas pode ser tangenciada quando se avalia a transcendência relacionada a outros aspectos individuais, familiares e sociais. Esses últimos, segundo os autores, caracterizados como fatores protetivos ligados ao indivíduo.

Nessa perspectiva, segundo estudos realizados por Fletcher e Sarkar (2012), no esporte, a religiosidade pode ajudar os atletas a atravessar momentos ruins com esperança e confiança, esperança de mudanças e confiança em dias melhores. Mesmo em meio às dificuldades, os autores enfatizam que a fé possibilita, ao atleta, aceitar e adaptar-se às adversidades sem deixar-se abater por elas.

Buscando relacionar esses estudos de Fletcher e Sarkar (2012) com a resiliência entendida na presente pesquisa como adaptação de atletas paralímpicos às adversidades, os quais por sua vez também enfrentam intempéries, foi importante direcionar nosso olhar para a resiliência, em maior ou menor grau, em termos de todas as questões que compõem a escala.

Nesse sentido, apresentamos, na Tabela 5 os dados obtidos nas análises efetuadas com as 25 questões relativas aos dois grupos em que os atletas foram categorizados mais ou menos resilientes.

Nessa tabela, dentre as 25 questões que compõem a Escala de Aplicabilidade e Resiliência, 60% dos itens apresentam diferenças significativas em relação à resiliência.

O item *a* se ajusta com mais facilidade a atributos de autonomia e determinação. Segundo estudos realizados por Deci e Ryan (2000), indivíduos autodeterminados buscam compreender melhor seus objetivos e suas aspirações de vida, focalizando suas metas em prol de seu desempenho e da saúde psicológica.

Tabela 5 - Probabilidades do Teste U de Mann-Whitney na comparação dos atletas Mais e Menos Resilientes em relação aos itens da Escala de Aplicabilidade e Resiliência

Itens	Atletas mais resilientes N=43		Atletas menos resilientes N=10		pU
	M.	D.P.	M.	D.P.	
a. Quando eu faço planos, eu os levo até o fim	6,6	0,5	5,8	0,7	0,000754
b. Eu costumo lidar com os problemas de uma forma ou de outra	6,1	0,9	4,7	1,5	0,001303
c. Eu sou capaz de depender de mim mais do que qualquer outra pessoa.	5,9	1,2	4,6	1,07	0,001162
f. Eu sinto orgulho de ter realizado coisas em minha vida	6,9	0,3	6,4	0,6	0,000877
h. Eu sou amigo de mim mesmo	6,4	1,1	5,2	1,2	0,00067
i. Eu sinto que posso lidar com várias coisas ao mesmo tempo	5,8	1	4,3	1,3	0,001488
j. Eu sou determinado	6,7	0,6	6,1	0,8	0,002571
n. Eu sou disciplinado	6,1	1,1	5,2	1,6	0,031681
o. Eu mantenho interesse nas coisas	6,2	0,9	5,2	0,7	0,000727
p. Eu normalmente posso achar motivo para rir	6,5	0,6	5,6	1,2	0,008631
q. Minha crença em mim mesmo me leva a atravessar tempos difíceis	6,1	1,5	4,3	1,4	0,000082
r. Em uma emergência, eu sou uma pessoa em quem as pessoas podem contar	6,6	0,6	5,7	0,9	0,000178
s. Eu posso geralmente olhar uma situação de diversas maneiras	6	0,9	5,3	0,8	0,013162
w. Quando eu estou numa situação difícil, eu normalmente acho uma saída	6,2	0,9	5,2	0,9	0,002647
x. Tudo bem se há pessoas que não gostam de mim	6,5	0,7	5,2	1,3	0,000367

Fonte: Elaborado pela autora (2018) * $p < 0,05$ M=média; D.P.= Desvio Padrão; pU= valor de pU de Mann-Whitney)

O item *b* mostra a confiança e a determinação para enfrentar e lidar com situações importantes na vida do indivíduo. Segundo pesquisa de Assis *et al.* (2006), indivíduos mais confiantes tendem a alcançar seus sonhos, pois eles têm clareza de suas metas e apresentam coragem, determinação, persistência, esperança, confiança e autonomia para construir sua vida. Nesse sentido, a autoconfiança é considerada como fator protetivo importante. No contexto esportivo, segundo Fletcher e Sarkar (2012), ela

pode auxiliar atletas na superação das adversidades.

O item *c* se ajusta com autoconfiança, independência e determinação, como descritos no item *b*. De acordo com Carvalho *et al.* (2014), o apoio recebido da família, assim como o suporte social oferecido pelos amigos e colegas, pode promover sentimentos de coesão, empatia, lealdade e simpatia, ingredientes importantes e que contribuem para atitudes de encorajamento e ajuda em momentos difíceis.

O item *f* apresenta autoconhecimento, autonomia, confiança e otimismo em relação às realizações pessoais. Segundo Assis *et al.* (2006), indivíduos resilientes sentem orgulho de suas conquistas. Acreditando em sua capacidade de superação de problemas, demonstram satisfação com a vida, apresentando força e energia para continuar a prosperar.

O item *h* demonstra atitude positiva em relação a si e ao outro. Denotam satisfação pessoal, pois indivíduos com estas características, segundo Assis *et al.* (2006), são capazes de identificar seu valor, suas qualidades e suas potencialidades em relação ao mundo externo.

O item *i* representa atributos de autoconfiança e adaptação. Segundo estudos de Fletcher e Sarkar (2014), atletas mais autoconfiantes são capazes de se adaptar melhor às situações, são capazes de direcionar suas metas de forma positiva, desenvolvendo estratégias capazes de superar obstáculos e atingir suas metas. Além disso, enfrentam situações ligadas ao estresse competitivo de forma mais positiva, tornando-se um importante aliado para o desenvolvimento da autonomia e da liderança.

O item *j* evidencia atributos ligados à autoconfiança, determinação, persistência, relacionados à competência pessoal. Ryan e Deci (2000) consideram que os objetivos pessoais se pautam pela busca de competência, autonomia e relacionamento, transformando, em ações, o processo de motivação.

O item *n* representa características de otimismo, persistência, autonomia e costumes e/ou hábitos, como sugere Brito (1995), relacionados às características individuais dos atletas.

O item *o* aponta atributos de determinação e independência, características que, segundo Carvalho *et al.* (2014), são importantes para os indivíduos manterem seus interesses às metas das quais se propõe alcançar.

O item *p* demonstra a presença de características de otimismo. Segundo estudos de Carvalho *et al.* (2014), uma visão positiva e realista acerca de si mesmo reflete valores pessoais ligados à autoeficácia. O humor, em indivíduos resilientes, pode transformar

uma percepção que machuca em uma representação que faz sorrir, ou seja, indivíduos resilientes são capazes de transformar a situação dolorosa em algo positivo e menos penoso. Resignificando sua dor, possibilitam metamorfoses em sua história (CYRULNIK, 2005).

O item *q* se assemelha ao item *c*, apresenta características resilientes ligadas à capacidade de possuir autoestima positiva (PESCE *et al.*, 2005). Segundo Assis *et al.* (2006), por tratar-se de um atributo individual, pode ser observado por meio da fala, dos gestos e dos comportamentos. Os autores enfatizam, assim como descritos no item *c*, que ter autoestima é dispor de sentimentos, de atitudes de aprovação de si próprio, considerando-se capaz e uma pessoa de valor. Referente a esse item, estudos de Assis *et al.* (2006) obtiveram como valor de $p=0,0001$ em um grupo de 1.094 participantes.

O item *s* denota, como nos itens apresentados *c*, *j*, *q*, atributos voltados à resolução de ações, autonomia, autoestima, autoconfiança e enfrentamento de problemas.

O item *w*, como descrito na Tabela 3, tal qual os itens *c*, *j*, *q* e *s*, diz respeito ao ajuste com mais facilidade a atributos voltados à resolução de problemas, criatividade para encontrar uma saída em meio às dificuldades, além de possibilitar uma visão positiva em meio às adversidades e aprender com elas.

Finalmente, o item *x* evidencia características de autoestima, empatia, respeito, aceitação de si e da vida, reconhecimento das capacidades e limitações.

Dessa forma, o estudo reitera, conforme apresentado nessa tabela e delineados por meio dos itens, que, nesse grupo em específico, as respostas de atletas menos resilientes e mais resilientes apresentam direções distintas em relação à resiliência, evidenciando que indivíduos mais resilientes podem apresentar satisfação com a vida, apresentando atitudes positivas em relação a si mesmos, acreditam em sua capacidade de superar problemas mesmo em meio às adversidades, enquanto indivíduos menos resilientes tendem a apresentar comportamentos negativos e insatisfação com a vida e com o outro.

4.7 Comparação das categorias de cada um dos grupos nos fatores.

Para a comparação das categorias de cada um dos grupos nos fatores, foi construído o Quadro 21, considerando as médias, o desvio padrão e as probabilidades associadas aos valores do Teste U de Mann-Whitney. Com isso, buscou-se investigar as possíveis diferenças entre as categorias de cada um dos respectivos grupos considerados

no estudo e para cada um dos fatores da Escala de Aplicabilidade e Resiliência.

Quadro 21 - Comparação das categorias em cada um dos seus respectivos grupos e considerando os fatores definidos pela Escala de Aplicabilidade e Resiliência.

GRUPOS	CATEGORIAS	Fator 1			Fator 2			Fator 3		
		M.	D.P.	pU	M.	D.P.	pU	M.	D.P.	pU
Tipo de Patologia	Congênita	87,2	6,6	0,10258	23,9	4,2	0,001585	29,5	2,8	0,274873
	Adquirida	83,6	7,8		28,6	4,8		28,4	4,1	
Nível de escolaridade	E. Superior	86,4	5,6	0,95612	27,8	4,6	0,218396	30	2,5	0,128363
	E. Médio	86	8,3		29,2	5,4		28,5	3,6	
Medalhistas	Medalhistas - Sim	87,2	6,4	0,38229	29,1	5,3	0,721275	29,8	3	0,157581
	Medalhistas - Não	85,1	7,7		27,9	4,7		28,6	3,3	
Estado Civil	Casados	87,9	5,6	0,25471	29,2	5,9	0,361991	29,3	2,6	0,919897
	Solteiros	85,1	7,8		28,1	4,3		29,1	3,6	
Resiliência	Mais resilientes	88,6	5,0	0,000005	29,5	4,9	0,002626	30,2	2,6	0,000024
	Menos resilientes	76	5,2		29,5	3,2		25,1	2,1	
Religião	Religião – Sim	87,4	6,8	0,137882	28,9	4,6	0,235037	29,1	3	0,759033
	Religião - Não	84,6	7,3		28,0	5,5		29,3	3,5	
Sexo	Homens	86,2	7,3	0,992585	28,1	5,4	0,347711	29,4	3,5	0,563193
	Mulheres	86,1	6,8		29,3	4,2		28,9	2,7	

Fonte: Elaborado pela autora (2018) *p<0,05 (M=média; D.P.= Desvio Padrão; pU= valor de pU de Mann-Whitney)

Os resultados do Quadro 21 mostraram diferenças significativas de respostas apenas nas categorias menos resilientes e mais resilientes nos três fatores considerados no estudo, e entre congênita e adquirida apenas no fator 2. Esses dados confirmam as análises realizadas anteriormente no Quadro 20 e na Tabela 1.

O Fator 1 é composto por sete itens que correspondem à competência pessoal, com afirmativas voltadas à autoconfiança, independência, determinação, invencibilidade, controle, desenvoltura e perseverança. Além desses, há mais sete itens voltados à aceitação de si mesmo e da vida, ligados à adaptabilidade, equilíbrio, flexibilidade e perspectiva de vida equilibrada. Estudos de Pesce *et al.* (2005) e Assis *et al.* (2006) concluem que a presença desses atributos visa o enfrentamento e a resolução de problemas, além de competência nas relações sociais para a vida e o futuro.

Segundo as autoras, o fator 2 é composto por quatro itens de aceitação de si mesmo e da vida que visa adaptabilidade, equilíbrio, flexibilidade e perspectiva de vida equilibrada, além de dois itens de competência pessoal, voltados à autoconfiança, independência, determinação, invencibilidade, controle, desenvoltura e perseverança

(PESCE *et al.*, 2005; ASSIS *et al.*, 2006). Podemos destacar que, nesse fator, ocorreu diferença significativa somente em relação ao grupo de patologia que compreendem as categorias congênita e adquirida.

Já o fator 3 é composto de cinco itens de competência pessoal, que correspondem a autoconfiança, independência, determinação, invencibilidade, controle, desenvoltura e perseverança (PESCE *et al.*, 2005; ASSIS *et al.*, 2006).

A diferença entre as categorias mais e menos resiliente justifica-se em função da divisão da Escala de Aplicabilidade e Resiliência. Entre as categorias congênita e adquirida, uma possível explicação sugere a melhor aceitação de si mesmo e da vida por atletas que apresentam patologia do tipo congênita, possivelmente apresentando uma visão mais positiva da vida em comparação àqueles com patologia do tipo adquirida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou explorar a natureza do fenômeno resiliência e os níveis de adaptação psicossocial positiva, trazendo, como atores principais, atletas paralímpicos de alto rendimento e integrantes da seleção paralímpica brasileira do ano de 2016.

A revisão de literatura, a partir de uma perspectiva histórica, mostrou que a resiliência se apresenta em situações de superação individual no esporte, e que “o espírito olímpico” possibilita a união entre os povos, o cessar de guerras enquanto a chama olímpica permanecer acesa.

Por outro lado, dentro de uma perspectiva semântica, as diversas temáticas envolvidas no estudo permitiram uma reflexão acerca da natureza do fenômeno, de modo que, a partir de um estudo etimológico nas ciências exatas, principalmente das leis da física, foi possível compreender como um conceito físico enriquece estudos voltados às ciências humanas, sociais e também à área da saúde.

A partir de uma visão geral sobre os resultados do Perfil Demográfico, pode-se compreender melhor os atletas paralímpicos segundo os grupos formados pelo sexo, idade, espiritualidade, estado civil, nível de escolaridade, tipo de patologia, medalhistas ou não, dentre outros aspectos, principalmente àqueles relativos à resiliência.

Com os resultados da aplicação da Escala de Aplicabilidade e Resiliência, segundo os objetivos propostos, foi possível verificar os níveis de adaptação psicossocial positiva em atletas paralímpicos. Eles foram categorizados como mais e menos resilientes a partir do ponto de corte definido pela escala. Nessa perspectiva, o estudo descritivo apontou que 81% dos atletas apresentaram características mais resilientes e apenas 19%, menos resilientes, justificando, assim, as hipóteses de que atletas paralímpicos de alto rendimento, além de demonstrarem características resilientes, também tendem a se posicionar de maneira positiva em relação à resiliência. Desse modo, o esporte paralímpico pode propiciar, ao atleta, uma nova visão de mundo e um vir-a-ser com mais autonomia, confiança, persistência, independência e autoestima, aspectos pertinentes à resiliência, e com isso, podendo tornar-se protagonista de sua própria história.

Diante disso, podemos ressaltar, ainda, que o esporte paralímpico possibilita uma melhora nas interações sociais entre os atletas, fator esse resultante da convivência com outros atletas com algum grau de limitação física e/ou sensorial, possibilitando uma maior consciência de si em um ambiente de identificação com os seus pares.

Na comparação entre as categorias que compreendem cada um dos grupos, considerando os escores totais obtidos a partir da escala, os dados analisados não proporcionaram evidências que justificassem a rejeição da hipótese nula a um nível de significância $p < 0,05$ previamente fixado, o que nos permitiu concluir sobre a não diferença das respostas. Assim, podemos dizer que tanto os indivíduos do sexo masculino como o feminino apresentaram o mesmo padrão de respostas em relação à resiliência, tal como medido pela Escala de Aplicabilidade e Resiliência. Do mesmo modo, aqueles com patologia do tipo congênita e do tipo adquirida apresentaram comportamentos semelhantes em relação à resiliência. Finalmente, o mesmo comportamento se observa em relação ao nível de escolaridade (ensino superior e médio), medalhistas (medalhistas e não medalhistas), religião (religião – sim e religião – não), estado civil (casados e solteiros).

Contudo, foram observadas diferenças significativas no padrão de respostas dos grupos mais e menos resilientes. Isso se deve ao fato de que os indivíduos já tinham sido categorizados como mais e menos resilientes pelo procedimento metodológico proposto nessa pesquisa, que definiu, a partir da literatura adotada, um ponto de corte de 132.

A partir desses resultados, decidiu-se, então, apresentar uma análise dos dados, considerando não os escores totais da Escala de Aplicabilidade e Resiliência, mas cada um dos itens que compõem a escala. Essa análise permitiu destacar, portanto, os itens em cujos grupos ocorreram diferenças significativas entre suas categorias. Esses grupos compreendem os tipos de patologia (congênita e adquirida), religião (religião - sim e não) e resiliência (mais e menos resilientes).

As diferenças de respostas dos grupos analisados, especificamente em relação à resiliência, possibilitaram considerações acerca do esporte individual, levando a uma melhor compreensão do processo de resiliência e das diversas maneiras pelas quais se apresentam na vida dos atletas, em alguns momentos, em maior ou menor grau.

Do mesmo modo, em relação à religião, os resultados permitiram concluir que a confiança na força divina, norteadas pela fé, possibilita, ao atleta, a lidar com a adversidade, desafios e perdas, fatores importantes para saúde física e mental.

Nessa linha, em relação ao grupo de patologia, que compreende as categorias congênita e adquirida, os atletas apresentaram comportamentos voltados à autonomia, tomadas de decisão, além de se mostrarem mais focados e direcionados em cumprir as metas estabelecidas.

Em relação ao grupo resiliência, o estudo indica que uma direção positiva dos indivíduos mais resilientes pode levar a uma maior capacidade de superação das adversidades, enquanto os menos resilientes podem apresentar comportamentos mais negativos e que poderiam ser traduzidos em insatisfação com a vida e com o outro.

Como fatores limitantes do estudo, podemos destacar o tamanho da amostra, a predominância de homens e também de atletas com patologia do tipo congênita, dificultando, assim, comparações e análises mais minuciosas sobre a natureza do problema.

Em relação à Escala de Aplicabilidade e Resiliência, citamos a falta de instrumentos válidos e capazes de medir a resiliência no contexto esportivo. Nesse caso, foi tomado um instrumento de medida definido na área de Psicologia e adaptado para esse contexto. Ressaltamos que o instrumento permitiu compreender como a resiliência se manifesta no esporte paralímpico individual.

Diante do exposto, faz-se necessário primar pelo uso de instrumentos validados, precisos e condizentes com a cultura do país, como o utilizado nesta pesquisa, e que resultem em respostas fidedignas em relação às hipóteses e aos objetivos propostos pela pesquisa. Por isso, a importância de verificar a confiabilidade do instrumento antes de sua aplicação e, assim, garantir o grau de cientificidade acerca do estudo proposto.

Outro ponto a considerar se refere à configuração das respostas dos indivíduos nos esportes individuais em relação ao esporte coletivo, que permitiu uma reflexão de como o trabalho em equipe pode levar o atleta a perceber o apoio de sua equipe e, assim, enfrentar situações difíceis, conquistando os resultados almejados.

A resiliência no âmbito esportivo oportuniza, aos atletas melhor, enfrentamento das situações pertinentes ao esporte, principalmente àqueles ligados a estressores (exigências ambientais associadas diretamente aos eventos de vida cotidianos e aos fatores emocionais), não excluindo os fatores de risco, mas auxiliando os atletas a persistirem mesmo em meio às adversidades, culminando no satisfatório desempenho esportivo.

Como sugestões de investigações futuras, poderiam ser explorados o aumento do tamanho da amostra, a construção de instrumentos capazes de medir a interação psicossocial e a adaptação positiva específica no contexto esportivo. Nesse sentido, sugere-se a construção de uma escala de resiliência no esporte voltada especificamente ao esporte individual e outra ao esporte coletivo.

A presente pesquisa sugere, ainda, a proposição de hipóteses que dizem respeito às estratégias comportamentais e cognitivas enfrentadas, que poderiam estar ligadas aos

fatores de motivação dos atletas para se adaptarem às mudanças, favorecidas por meio do processo de resiliência, implicações a serem discutidas em futuras pesquisas.

Dada a importância do tema, os resultados do estudo possibilitaram considerações pertinentes sobre o esporte, a fim de incentivar a comunidade científica a explorar mais o esporte paralímpico, em constante ascensão. Logo, permite um campo fértil de trabalhos a serem desbravados, que contribuam para a disseminação do esporte paralímpico no âmbito científico, na perspectiva de que os atletas sejam notados além de suas deficiências, considerados como artistas, que buscam, por meio do esporte, superar os limites de seu corpo e ressignificar a sua história rumo ao triunfo.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, R.C.; DANIEL, A.N.; M.A. CUBBIN, J.A.MC.; RULLMAN, L. **Jogos, Esportes e Exercícios para o deficiente físico**. 3 ed. São Paulo: Manole Limitada, 1985.
- ASSIS, S.G.de; PESCE, R.P; AVANCI, J.Q. **Resiliência enfatizando a proteção dos adolescentes**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BARLACH, L.; LIMONGI-FRANÇA, A.C.; MALVEZZI, S. O Conceito de Resiliência Aplicado ao Trabalho nas Organizações. Universidade de São Paulo, Brasil. **Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology**, v. 42, n. 1, p. 101-112, 2008. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/284/28442111/>. Acesso em: 08 nov. 2016.
- BARTHOLOMEW, K. J; NTOUMANIS, N.; RYAN, R. M; NTOUMANI, C.T. Psychological Need Thwarting in the Sport Context: Assessing the Darker Side of Athletic Experience. University of Birmingham; University of Rochester. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, -, 33, p.75-102, 2011. Disponível em: <http://journals.humankinetics.com/doi/pdf/10.1123/jsep.33.1.75>. Acesso em: 15 jun. 2015.
- BERDNT. C. **Resiliência: o segredo da força psíquica**. Petrópolis:Vozes, 2018.
- BOHME, M.T.S. Talento esportivo I: aspectos teóricos. **Rev. paul. Educ. Fis.**, São Paulo, v.8, n.2, p.90-100, jul./dez. 1994. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rpef/article/download/139478/134807/>. Acesso em: 08 nov. 2016.
- BONANO, G.A. Resilience in the Face of Potential Trauma. Teachers College, Columbia University. **Current Directions In Psychological Science**, v. 14, n. 3, p. 135-138, 2005. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1111/j.0963-7214.2005.00347.x>. Acesso em: 08 jan. 2016.
- BOWLBY, J. **Apego e perda**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1990.
- BLAUWET, C. A; BENJAMIN-LAING, H; STOMPHORST, J; VLIET, P.V.de; PIT-GROSHEIDE, P; WILLICK, S. E. Testing for boosting at the Paralympic games: policies, results and future directions. **Br J Sports Med**, n. 47, p.832–837, 2013. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23681503>. Acesso em: 14 jun. 2017.
- BLOCK, J. H.; BLOCK, J. The role of ego-control and ego resiliency in the organization of behavior. In: COLLINS, W.A. (Ed.). **Minnesota symposium on child psychology**. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1980. p.39-101.
- BRAZUNA, M. R; DE-CASTRO, M. E. A trajetória do atleta portador de deficiência física no esporte adaptado de rendimento. Uma revisão da literatura. **MOTRIZ**, v. 7, n. 2, p. 115-123, jul-dez. 2001. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/07n2/Brazuna.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2016.

BRITO, L.T. M de. O significado da disciplina no treinamento esportivo. **Motrivivência**. Revista de Educação Física, Esporte e Lazer. Florianópolis, p. 297-307, 1995. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/%25x>. Acesso em: 7 fev. 2018.

CARDOSO, V.D; GAYA, A.C. A classificação funcional no esporte paralímpico **Conexões**: Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 12, n. 2, p. 132-146, abr./jun. 2014. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/download/2173/2295>. Acesso em: 08 mar. 2016.

CARVALHO, V.D.; TEODORO, M.L.M.; BORGES, L.de O. Escala de Resiliência para Adultos: aplicação entre servidores públicos. **Avaliação Psicológica**, v. 13, n. 2, p. 287-295, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712014000200016. Acesso em: 04 dez. 2017.

COMISSÃO DE ESPORTE APROVA APOSENTADORIA ESPECIAL PARA ATLETA DE ALTO RENDIMENTO. 2015. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/TRABALHO-E-PREVIDENCIA/547434-COMISSAO-DE-ESPORTE-APROVA-APOSENTADORIA-ESPECIAL-PARA-ATLETA-DE-ALTO-RENDIMENTO.html>. Acesso em: 10 dez. 2017.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO (CPB). Disponível em: <https://www.cpb.org.br/home/index>. Acesso: 07 mar. 2018.

CONOR, K.M.; DAVIDSON, J.R.T. Development of a new resilience scale: the connor-davidson resilience scale (CD-RISC). **DEPRESSION AND ANXIETY**, n. 18, p. 76–82, 2003. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/10576109_Development_of_a_new_resilience_scale_The_Connor-Davidson_Resilience_Scale_CD-RISC. Acesso em: 08 jun. 2016.

CYRULNIK, B; TOMOKIEWICZ, T; GUÉRNARD, T.; VANISTENDAEL, S. MANCIAUX, M. (col.). **El realismo de la esperanza**: Testemonios de experiências profesionales en torno a la resiliência. Barcelona (Espanha): Gedisa, 2003.

CYRULNIK, B. **O murmúrio dos fantasmas**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DA-COSTA, A. M.; SOUSA, S.B. Educação física e esporte adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 25, n. 3, p. 27-42, maio 2004. Disponível em: <http://rbce.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/viewFile/236/238>. Acesso em: 10 mar. 2018.

DAILO, J. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: em busca da pluralidade. **Rev. paul. Educ. Fis.**, São Paulo, supl.2, p.40-42, 1996. Disponível em: <http://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/v10%20supl2%20artigo7.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2018.

DARIDO, S.C. **Os conteúdos na educação física escolar**. 2005. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Suraya_Darido/publication/266186057_OS_CONTEUDOS_NA_EDUCACAO_FISICA_ESCOLAR/links/55b2271108ae9289a0851071.pdf. Acesso em: 10 mar. 2018.

DE-CASTRO, E.M. **Atividade física adaptada**. 2 ed. Ribeirão Preto, São Paulo: Novo Conceito Editora, 2011.

DE-CASTRO, E. M; FIGUEIREDO, G.A; IASI, T.C.P; BAGATINI, L. Fatores que Afetam a Carreira Esportiva de Alto Rendimento do Atleta com Deficiência: Uma Análise Crítica. **Revista da Sobama**, Marília, v. 17, n.2, p. 23-30, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/sobama/issue/view/416>. Acesso em: 20 abr. 2018.

DECI, E. L.; RYAN, R. M. The “what” and “why” of goal pursuits: human needs and the self-determination of behavior. **Psychological Inquiry**, n. 11, p.227–268, 2000. Disponível em: http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1207/S15327965PLI1104_01. Acesso em: 16 set. 2016.

DELL'AGLIO, D. **O processo de coping, institucionalização e eventos de vida em crianças e adolescentes**. Tese de Doutorado. 2000. Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2000. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/2909>. Acesso em: 09 jan. 2015.

FLETCHER, D.; SARKAR, M. A grounded theory of psychological resilience in Olympic champions. **Psychology of Sport and Exercise**, n.13, p. 669-678, 2012. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1469029212000544>. Acesso em: 23 mar. 2015.

FLETCHER, D.; SARKAR, M. Psychological resilience a review and critique of definitions, concepts, and theory. **European Psychologist**, n.1, v. 18, p.12–23, 2013. Disponível em: <http://psycnet.apa.org/record/2013-13184-003>. Acesso em: 23 mar. 2015.

FONTES, R.C.C; BRANDÃO, M. R. F. A resiliência no âmbito esportivo: uma perspectiva bioecológica do desenvolvimento humano. **Motriz**, Revista de Educação Física. UNESP, Rio Claro-SP, v.19 n.1, p.151-159, jan-mar. 2013. Disponível em: <http://www.ingentaconnect.com/content/doi/19806574/2013/00000019/00000001/art00016>. Acesso em: 24 mar. 2015.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Coleção Cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FREITAS, P.S. de; CIDADE, R. E. Paraolimpíadas: Revisando a História. **Revista da SOBAMA**. Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada, v. 7, n.1, p. 21-26, dez. 2002. Disponível em:

<http://rc.unesp.br/ib/efisica/sobama/sobamaorg/vol7no12002.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2015.

GÖRAN, Kenttä; CORBAN, R. Psychology within the Paralympic Context - Same, Same or Any Different? **Olympic Coach**, v. 25, n. 3, 2014. Disponível em: <http://www.diva-portal.org/smash/record.jsf?pid=diva2%3A749313&dswid=-1679>. Acesso em: 30 mar. 2015.

GREGG, E.A.; GREGG, V. H. Women in Sport: Historical Perspectives. **Clin Sports Med**, v.36, p. 603–610, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.csm.2017.05.001>. Acesso em: 07 abr. 2018.

GUEDES, D. P. Educação para a saúde mediante programas de educação física escolar. **MOTRIZ**, v. 5, n. 1, jun. 1999. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ccs/pebII/Dartagnam_revista_motriz.pdf. Acesso em: 10 mar. 2018.

INFANTE, F. A resiliência como processo: uma revisão da literatura recente. Trad. Valério Campos. In: MELILLO, A. (Org.). **Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas**. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2005. p. 30.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE (IPC). **Explanatory guide to Paralympic classification Paralympic summer sports**, 2015. Disponível em: <https://www.olympic.org>. Acesso em: 19 out. 2016.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Censo da Educação Superior: Notas estatísticas 2017**. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2018/censo_da_educacao_superior_2017-notas_estatisticas2.pdf. Acesso em: 18 abr. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). IBGE Educa Censo (2010). **Pessoas com Deficiência**. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/20551-pessoas-com-deficiencia.html>. Acesso em: 18 abr. 2018.

JOB, F. P. P. **Os Sentidos do Trabalho e a Importância da Resiliência nas Organizações**. São Paulo: EAESP/FGV, 2003. 237p. (Tese de Doutorado apresentada ao Curso de Pós-Graduação, Doutorado em Administração de Empresas da EAESP/FGV – Área de Concentração: Organização, Recursos Humanos e Planejamento), 2003. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/2535/71441.PDF?sequence=2&isAllowed=y>. Acesso em: 04 dez. 2017.

JR-CALLISTER, W.D.; RETHWISCH, D.G. **Ciência e engenharia de materiais: uma introdução**. Trad. Sergio Murilo Stamile Soares. 9 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2016

JUNQUEIRA, M.de F. P. da S.; DESLANDES, S. F. Resiliência e maus-tratos à criança. Rio de Janeiro: **Cadernos de Saúde Pública**, v.19, n.1, p.227-235, jan-fev. 2003. Disponível em:

<http://www.ingentaconnect.com/content/doi/0102311x/2003/00000019/00000001/art00053>. Acesso em: 12 ago. 2015.

KOCH, L. M.; GROSS, A. M. Características clínicas e tratamento do transtorno de conduta. In: CABALLO, V.; SIMÓN, A. (Orgs.). **Manual de psicologia clínica infantil e do adolescente: Transtornos específicos**. São Paulo: Santos, 2005. p.23-38.

LEE, J. E. C.; SUDOM, K. A.; ZAMORSKI, M. A. Longitudinal Analysis of Psychological Resilience and Mental Health in Canadian Military Personnel Returning From Overseas Deployment. **Journal of Occupational Health Psychology**, v. 18, n.3, p.327–337, 2013. Disponível em: <http://psycnet.apa.org/record/2013-24013-005>. Acesso em: 10 ago. 2015.

LUTHAR, S.S.; CICHETTI, D., BECKER, B. The Construct of Resilience: A Critical Evaluation and Guidelines for Future Work. **Child Development**, v.71, n.3, p. 543-562, 2000. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1467-8624.00164/full>. Acesso em: 25 ago. 2015.

MACHADO, A.A.; GOMES, R. (Orgs.). **Psicologia do Esporte: da escola à competição**. Jundiaí: Fontoura, 2011.

MACHIDA, M., IRWIN, B.; FELTZ, D. Resilience in Competitive Athletes With Spinal Cord Injury: The Role of Sport Participation. **Qualitative Health Research**, v. 23, n.8, p.1054–1065, 2013. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1049732313493673>. Acesso em: 09 set. 2015.

MACKEY, A.; GASS, S. Common data collection measures. In: MACKEY, A.; GASS, S. **Second language research: methodology and design**. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 2005. p. 43-99.

MARCONI; M. De A; LAKATOS, E.A. **Metodologia Científica**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MAROCO, J; MARQUES, T, G. Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas? **Laboratório de Psicologia**, Lisboa, v.4, n.1, p. 65-90, 2006. Disponível em: <http://publicacoes.ispa.pt/index.php/lp/article/viewFile/763/706>. Acesso em: 04 set. 2017.

MATTHIENSEN, A. Uso do Coeficiente Alfa de Cronbach em Avaliações por Questionários. **EMBRAPA**, p. 7-23, 2011. Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/936813/1/DOC482011ID112.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2017.

MILLS, A.; KRASSIOUKOV. Autonomic function as a missing piece of the classification of Paralympic athletes with spinal cord injury. **Spinal Cord**, n.49, p.768-776, 2011. Disponível em: <https://www.nature.com/sc/journal/v49/n7/abs/sc20112a.html>. Acesso em: 10 set. 2015.

MÜTZENBERG, L.A; VEIT, E.A; SILVEIRA, F. L. da. Elasticidade, plasticidade, histerese... e ondas. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, v. 26, n. 4, p. 307 – 313, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1806-11172004000400004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 12 abr. 2016.

ONOUYE, B.; KANE, K. **Estática e resistência dos materiais para arquitetura e construção de edificações**. Trad.: Amir Elias Abdalla Kurban. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2018.

PESCE, R.P.; ASSIS, S.G.; SANTOS, N.; OLIVEIRA, R.de V. Risco e Proteção: um equilíbrio promotor de resiliência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 20 n. 2, p. 135-143, maio-ago. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722004000200006&script=sci_abstract Acesso em: 08 jan. 2016.

PESCE, R. P.; ASSIS, S. G.; AVANCI, J. Q.; SANTOS, N. C.; MALAQUIAS, J.V.; CARVALHAES, R. Adaptação transcultural, confiabilidade e validade da escala de resiliência. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.21, n.2, p.436-448, mar-abr. 2005. Disponível em: http://www.scielosp.org/scielo.php?pid=S0102311X2005000200010&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 08 jan. 2016.

PETERSON, R. A. P. A Meta-Analysis of Cronbach's Coefficient Alpha. **Journal of Consumer Research**, v. 21, n.2, p. 381-391, 1994. Disponível em: <https://www.researchgate.net/file.PostFileLoader.html?id...AS>. Acesso em: 04 set. 2017.

POLETTI, M.; WAGNER, T.M.C.; KOLLER, S.H. Resiliência e desenvolvimento infantil de crianças que cuidam de crianças: uma visão em perspectiva. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 20 n. 3, p. 241-250, set-dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v20n3/a05v20n3>. Acesso em: 16 mar. 2015.

PELLETIER, L G., FORTIER, M. S., VAILERAND, R. J., TUSON. K. M., BRIERE, N. M. M. R. Toward a new measure of intrinsic motivation, extrinsic motivation, and amotivation in sports: The Sport Motivation Scale (SMS). **Journal of Sport and Exercise Psychology**, v.17, p. 35-53, 1993.

PRIORE, M.D; MELO, V. A. de. (Orgs). **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 568.

QUADRO DE MEDALHAS. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/paralimpiadas/medalhas.html>. Acesso em: 07 abr. 2018.

RIBEIRO, A. C. de A.; MATTOS, B.M.de; ANTONELLI, C. de S.; CANÊO, L.C.; JÚNIOR, E.G. Resiliência no trabalho contemporâneo: promoção e/ou desgaste da saúde mental. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 16, n. 4, p. 623-633, out.-dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v16n4/a13v16n4>. Acesso em: 08 nov. 2016.

RICHARDSON, G.E. The metatheory of resilience and resiliency. **Journal of Clinical Psychology**. v. 58, n.3, p.229-321, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/jclp.10020>. Acesso em: 25 ago. 2015.

ROCHA, E; SCHEID, E. A. da. Organização Administrativa do Desporto Paralímpico. In: WINCKLER, C; MELLO, M.T. de. (Org). **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Atheneu, 2012.

RUBIO, K. O legado heroico do papel social do atleta. In: DA COSTA, L. (Org.) **Legados de Megaeventos Esportivos**. Brasília: Ministério do Esporte, 2008. p.217.

RUTTER, M. Resilience, competence, and coping. **Child Abuse & Neglect**, n.31, p. 205–209, 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.chiabu.2007.02.001>. Acesso em: 04 mar. 2015.

SANCHES, S. M; RUBIO, K. Reflexões sobre o conceito de resiliência: superando adversidades no contexto esportivo. **Polêmica**, v. 9, n. 2, p. 92-98, abr/jun. 2010. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/2752>. Acesso em: 06 mar. 2015.

SARKAR, M.; FLETCHER, D. Psychological resilience in sport performers: a review of stressors and protective factors. **Journal of Sports Sciences**, v. 32, n. 15, p. 1419–1434, 2014. Disponível em: <http://shapeamerica.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02640414.2014.901551#.WgFUfLbOqgQ>. Acesso em: 14 abr. 2015.

SELIGMAN, M.; CSIKSZENTMIHALYI, M. Positive Psychology: An introduction. **American Psychologist**, v. 55, n. 1, p.5-14, 2000. Disponível em: https://link.springer.com/chapter/10.1007%2F978-94-017-9088-8_18. Acesso em: 19 maio. 2015.

SHAUGHNESSY, J.J.; ZECHMEISTER, E.B.; ZECHMEISTER, J.S. **Metodologia de Pesquisa em Psicologia**. Trad. Ronaldo Cataldo Costa. 9 ed. Porto Alegre: McGraw-Hill, 2012.

SIEGEL, S. **Estatística Não-Paramétrica: Para as Ciências do Comportamento**. São Paulo: McGraw-Hill Ltda, 1975.

SINCLAIR, V.G; WALLSTON, K.A. The development and psychometric evaluation of the brief resilient coping scale. **Assessment**, v. 11, n.1, 2004. Disponível em:https://www.researchgate.net/publication/8628070_Sinclair_V_G_Wallston_K_A_The_development_and_psychometric_evaluation_of_the_Brief_Resilient_Coping_Scale_Assessment_11_94-10. Acesso em: 05 maio. 2015.

SOUZA, J.M. de; CARNEIRO, R. Universalismo e Focalização na Política de Atenção à Pessoa com Deficiência. **Saúde Soc.**, São Paulo, v.16, n.3, p.69-84, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902007000300007&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 12 abr. 2017.

SOANES, C., & STEVENSON, A. **Oxford dictionary of English**. 2a ed. Oxford, UK: Oxford University Press, 2006.p. 1498.

STUBBS, R. (Consult. Edit.). **O livro dos esportes: os esportes, as regras, as táticas, as técnicas**. Trad. Alexandre Tuche *et al.* Rio de Janeiro: Agir, 2012. p.448.

TUBINO, M. J. G. **Teoria geral do esporte**. São Paulo: Ibrasa, 1987.

UCHA, F. G. **A psicologia do esporte no alto rendimento**. Disponível em: <http://www.fibbauru.br/files/> Acesso em: 25 out. 2017.

UOL. **Rússia é banida da Paraolimpíada do Rio após escândalo de doping**. Disponível em: <https://olimpiadas.uol.com.br/noticias/redacao/2016/08/07/russia-e-banida-da-paraolimpiada-do-rio-apos-escandalo-de-doping.htm>. Acesso: 07 ago. 2016.

UOL. **Paraolimpíadas - Quadro de medalhas**. Disponível em: <https://olimpiadas.uol.com.br/paraolimpiadas/quadro-de-medalhas/>. Acesso em: 07 abr. 2018.

WAGNILD, G. M.; YOUNG, H. M. Development and psychometric evaluation of the Resilience Scale. **Journal of Nursing Measurement**, v.1, p.165–178, 1993. Disponível em: <http://psycnet.apa.org/record/1996-05738-006>. Acesso em: 08 nov. 2016.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.

WINNICK, J.P. **Educação Física e esportes adaptados**. Trad. Fernando Lopes. 3 ed. Barueri, SP: Manole, 2004.

YUNES, M. A. M. Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. **Revista Psicologia em Estudo**, Maringá-PR, v. 8, p. 75-84, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v8nspe/v8nesa10>. Acesso em: 10 nov. 2015.

YUNES, M. A. M. Os discursos sobre a questão da resiliência: expressões e consequências para a promoção do desenvolvimento saudável. In: DELL'AGLIO, D. D. (Org). **Psicologia do Desenvolvimento: reflexões e práticas atuais**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. p. 225-235.

ZIMMERMAN, M.A; ARUNKUMAR, R. Resiliency research: implications for schools and policy. **Social Policy Report: Society for Research in Child Development**, v.8, n. 4, p.1-18, 1994. Disponível em: <http://srcd.org/sites/default/files/documents/spr8-4.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2016.

APÊNDICE A - Questionário de Perfil Demográfico

1. Sexo

- a) Feminino
- b) Masculino

2. Idade

- a) 17 anos
- b) 18 anos
- c) Entre 19 e 25 anos
- d) Entre 26 e 33 anos
- e) Entre 34 e 41 anos
- f) Entre 42 e 49 anos
- g) 50 anos ou mais

3. Estado Civil

- a) Solteiro(a)
- b) Casado(a) / mora com um(a) companheiro(a)
- c) Separado(a) / divorciado(a) / desquitado(a)
- d) Viúvo(a)

4. Tipo de Patologia

- a) Adquirida
- b) Congênita

5. Tempo de prática no esporte

- a) 2 à 5 anos
- b) 5 à 10 anos
- c) 10 à 15 anos
- d) Mais de 15 anos

6. Você tem alguma Profissão além do Esporte?

- a) Sim
- b) Não

5. Você tem alguma Religião?

- a) Sim
- b) Não

7. Medalhista nos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro em 2016?

a) Sim

b) Não

8. Qual sua modalidade esportiva?

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - (TCLE) (Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/12)

Gostaríamos de convidá-lo (a) a participar como voluntário (a) da pesquisa intitulada “RESILIÊNCIA EM ATLETAS PARALÍMPICOS NO ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO”, sob a responsabilidade da pesquisadora Marcela Fernanda Tomé de Oliveira, R.G: 40.321.864-0, aluna de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias da UNESP, campus Rio Claro-SP, orientada pela Profa. Dra. Adriane Beatriz de Souza Serapião, professora deste programa.

O objetivo deste estudo é investigar os níveis de adaptação psicossocial positiva, em atletas paralímpicos de alto rendimento e participantes dos Jogos Paralímpicos de 2016.

Sua participação nesse estudo consistirá:

- 1) Responder a Escala de Aplicabilidade e Resiliência com vinte e cinco itens, que consiste em medir níveis de adaptação psicossociais positivas em meio a eventos de vida importantes.
- 2) Responder Questionário de Perfil Demográfico.

Cada um dos instrumentos permitirá ao participante o preenchimento apenas uma única vez. Os instrumentos de coletas serão enviados por meio *Messenger*® do *Facebook*® ou E-mail pessoal do atleta. É importante ressaltar que o (a) senhor(a) poderá recusar sua participação por meio das redes sociais, caso julgar conveniente. Por se tratar de uma pesquisa não interventiva, esta não contará com benefícios diretos aos participantes neste momento. No entanto, é destacado que os conteúdos produzidos neste estudo poderão ser utilizados futuramente pelos mesmos e por outros atletas. A resposta a estes instrumentos/procedimentos não causa riscos conhecidos à saúde física e mental dos participantes, não sendo descartada a possibilidade de causarem algum desconforto ou constrangimento. Caso o participante se sinta desconfortável para responder a alguma das questões abordadas na pesquisa, o mesmo poderá deixar de responder as questões e caso julgue pertinente, poderá desistir de sua participação. Para minimizar esses possíveis riscos, a pesquisadora se colocará inteiramente a disposição para esclarecimentos e prestará todo apoio para minimizar os eventuais incômodos causados pela pesquisa. Caso o (a) senhor(a) já tenha respondido e enviado as respostas do questionário, eles serão excluídos, tendo em vista que são identificados pelo código fornecido no início da pesquisa e pelo endereço de e-mail. Cabe ainda ressaltar que o participante do estudo não terá despesas, bem como não será remunerado em relação à sua participação.

Todas as dúvidas ou problemas que surgirem poderão ser perguntados diretamente à pesquisadora, que se coloca a disposição a quaisquer esclarecimentos que o (a) senhor (a) julgar necessário. Estes poderão ser realizados via e-mail, ou outras formas de comunicação à distância ou mesmo pessoalmente, nos contatos informados ao final desse documento. Esclarecemos que assumimos o compromisso de manter o sigilo e o caráter confidencial das informações da sua participação na pesquisa, zelando pela sua privacidade e garantindo que sua identificação não será exposta de forma alguma.

Os resultados da pesquisa serão divulgados somente para fins científicos, em forma de artigo científico e para apresentação da dissertação. Se o senhor(a) se sentir suficientemente esclarecido sobre essa pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, convido-o(a) a assinar este Termo, elaborado e enviado por e-mail, sendo que

uma via, já assinada pela pesquisadora, ficará com o senhor(a) e a outra via assinada e escaneada será devolvida para a pesquisadora por e-mail.

Local/data

Visto da Orientadora

Assinatura da Pesquisadora Responsável

Assinatura do(a) Participante da Pesquisa

Dados sobre a Pesquisa:

Título do Projeto: RESILIÊNCIA EM ATLETAS PARALÍMPICOS NO ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO

Pesquisador Responsável: Marcela Fernanda Tomé de Oliveira

Cargo/Função: Mestranda em Desenvolvimento Humano e Tecnologias

Instituição: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JULIO DE MESQUITA FILHO”
CAMPUS DE RIO CLARO - SP

Endereço: Av. 24-A, 1515 – Bela Vista, Rio Claro-SP – CEP: 13506-900

Dados para Contato: fone (19) 3526-9684 – E-mail: marcelaothome50@gmail.com

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Adriane Beatriz de Souza Serapião

Instituição: UNESP-UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JULIO DE MESQUITA FILHO” – CAMPUS DE RIO CLARO-SP

Endereço: Av. 24-A, 1515 – Bela Vista - Rio Claro-SP – CEP: 13506-900

Dados para Contato: fone (19) 3526-9090 – E-mail: adriane@rc.unesp.br

Dados sobre o participante da Pesquisa:

Nome: _____

Documento de Identidade: _____

Sexo: _____ Data de Nascimento: ____ / ____ / ____

Endereço: _____

Telefone para contato: _____

ANEXO A - Escala de Aplicabilidade e Resiliência

Marque o quanto você concorda ou discorda com as seguintes afirmações:

	DISCORDO			NEM CONCORDO NEM DISCORDO	CONCORDO		
	Totalmente	Muito	Pouco		Pouco	Muito	Totalmente
a. Quando eu faço planos, eu os levo até o fim.	1	2	3	4	5	6	7
b. Eu costumo lidar com os problemas de uma forma ou de outra	1	2	3	4	5	6	7
c. Eu sou capaz de depender de mim mais do que qualquer outra pessoa.	1	2	3	4	5	6	7
d. Manter interesse nas coisas é importante para mim.	1	2	3	4	5	6	7
e. Eu posso estar por minha conta se eu precisar.	1	2	3	4	5	6	7
f. Eu sinto orgulho de ter realizado coisas em minha vida.	1	2	3	4	5	6	7
g. Eu costumo aceitar as coisas sem muita preocupação.	1	2	3	4	5	6	7
h. Eu sou amigo de mim mesmo.	1	2	3	4	5	6	7
i. Eu sinto que posso lidar com várias coisas ao mesmo tempo.	1	2	3	4	5	6	7
j. Eu sou determinado	1	2	3	4	5	6	7
k. Eu raramente penso sobre o objetivo das coisas.	1	2	3	4	5	6	7
l. Eu faço as coisas um dia de cada vez.	1	2	3	4	5	6	7
m. Eu posso enfrentar tempos difíceis porque já experimentei dificuldades antes.	1	2	3	4	5	6	7
n. Eu sou disciplinado.	1	2	3	4	5	6	7
o. Eu mantenho interesse nas coisas.	1	2	3	4	5	6	7
p. Eu normalmente posso achar motivo para rir.	1	2	3	4	5	6	7
q. Minha crença em mim mesmo me leva a atravessar tempos difíceis.	1	2	3	4	5	6	7
r. Em uma emergência, eu sou uma pessoa em quem as pessoas podem contar.	1	2	3	4	5	6	7
s. Eu posso geralmente olhar uma situação de diversas maneiras.	1	2	3	4	5	6	7
t. Às vezes eu me obrigo a fazer coisas querendo ou não.	1	2	3	4	5	6	7
u. Minha vida tem sentido.	1	2	3	4	5	6	7
v. Eu não insisto em coisas as quais eu não posso fazer nada sobre elas.	1	2	3	4	5	6	7

w. Quando eu estou numa situação difícil, eu normalmente acho uma saída.	1	2	3	4	5	6	7
y. Eu tenho energia suficiente para fazer o que eu tenho que fazer.	1	2	3	4	5	6	7
x. Tudo bem se há pessoas que não gostam de mim.	1	2	3	4	5	6	7